

AS COMPARATIVAS CONDICIONAIS COMO ELEMENTOS CONFIGURADORES DE TEXTUALIDADE

Joaquim Fonseca
Universidade do Porto
jfonseca@netcabo.pt

1. A complexidade do texto obriga, como se sabe, a considerar, na sua estruturação e na construção do sentido que nele se dá, níveis diferenciados. É, assim, hoje corrente falar-se dos níveis microestrutural e macroestrutural do texto, distinguindo-se ainda no seio do macroestrutural o especificamente sequencial, o macroestrutural intermédio e macroestrutural global – e também, num plano diverso, o superestrutural.

Os segmentos macroestruturais intermédios e sequenciais representam complexos semântico-pragmáticos unitários sucessivamente configurados sobre ou a partir do local ou microestrutural e são mobilizados para o desenho do macroestrutural global – nível que corresponde à totalidade (não raro, ou mesmo quase sempre, múltipla) de significação/sentido definidora do texto como unidade linguístico-comunicativa.

Aquela totalidade de significação/sentido revela-se constituir o grande marco de referência da construção do texto – sendo que o designado/comunicado em cada frase surge sempre por ela «dominado», dando-lhe realização local.

1.1. Há, então, lugar para o reconhecimento efectivo de uma *textualidade local* – que tem a ver, especificamente, com o que *do texto se revela no microestrutural*. Recorta-se, deste modo, a perspectiva que conduz a indagar como se realiza a *dominância* do todo sobre as partes que o perfazem, e, necessariamente, sobre os elementos, que, via partes – estas, como aqueles, também entre si adequadamente ligadas –, concorrem para o todo, participam na sua construção e no seu funcionamento, através da instituição de uma complexa e diversificada, e mesmo heterogénea, rede de determinações recíprocas.

1.1.1. Tal perspectiva converge largamente com a que propunha, já nos anos trinta do século XX, M. Bakhtine, ao insistir, nas luminosas reflexões que

perfazem o ensaio «Les genres du discours»¹, na força determinante do «achèvement spécifique de l'énoncé», do «dessein discursif» ou do «vouloir-dire» do Locutor (Loc), «qui détermine le tout de l'énoncé – son ampleur, ses frontières». Na verdade, escreve, «c'est par rapport à ce dessein discursif, à ce vouloir-dire (comme nous l'aurons saisi) que nous allons mesurer l'achèvement de l'énoncé. Ce dessein détermine le choix, en tant que tel, de l'objet, avec ses frontières (dans les circonstances précises de l'échange verbal et nécessairement en rapport avec les énoncés antérieurs) et l'exhaustivité de l'objet du sens qui lui est propre.» – sendo que esse mesmo «dessein discursif» «va déterminer aussi, bien entendu, le choix de la forme du genre dans lequel l'énoncé sera structuré [...]». «Ce dessein» materializa-se em discurso, formando «une unité indissoluble, qu'il limite, qu'il rattaché à la situation concrète (unique) de l'échange verbal, marquée par les circonstances individuelles, les partenaires individualisés et leurs interventions antérieures – leurs énoncés.», de tal forma que os «partenaires directement impliqués dans un échange, initiés à une situation et aux énoncés antérieurs, saisissent avec aisance et promptitude le *dessein discursif*, le *vouloir-dire* d'un locuteur, et, aux premiers mots d'un discours, ils perçoivent le *tout* d'un énoncé en cours de développement.»².

Nessa mesma linha, e destacando sempre o papel fulcral que desempenha na configuração do todo textual-discursivo a sua inscrição num dado género de discurso, M. Bakhtine escreve ainda: «Lorsque nous choisissons un type donné de proposition, nous ne choisissons pas seulement une proposition donnée, en fonction de ce que nous voulons exprimer à l'aide de cette proposition, nous sélectionnons un type de proposition en fonction du *tout* de l'énoncé fini qui se présente à notre imagination verbale et qui détermine notre option.»³.

Esta *dominância* do todo (intermédio ou global) é ainda retomada noutros momentos do mesmo ensaio de Bakhtine, como no seguinte: «En choisissant le mot, nous partons des intentions qui président au tout de notre énoncé [...]» – e «C'est ce tout qui irradie son expression (plus exactement, notre expression) sur chacun des mots que nous choisissons et qui, en quelque sorte, inocule à ce mot l'expression du tout.»⁴.

A este segmento o Autor junta uma nota, que interessa reter: «Lorsque nous construisons notre discours, nous gardons toujours à l'esprit le tout de notre énoncé, tant sous forme d'un schéma correspondant à un genre défini que sous forme d'un dessein discursif individuel. *Nous n'égrenons pas les*

¹ Ver Bakhtine, M., 1984.

² Idem, *ibidem*, p. 284.

³ Idem, *ibidem*, p. 288.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 293.

*mots, passant de l'un à l'autre. Bien plutôt, c'est comme si nous remplissions un tout avec les mots utiles.»*⁵.

Valerá a pena sublinhar, e especificar, que aquele «dessein discursif»/«vouloir-dire» do Loc – ou seja, a sua intenção comunicativa global – «fixa um *universo de discurso*, não apenas delimitando os *designados possíveis* e suas relações (os “objectos” e o que deles se predica, as situações, os factos, os acontecimentos e seus protagonistas, e os papéis que estes neles desempenham), mas igualmente recortando um dado *rumo discursivo* (ou rumos discursivos dominantes e seu entrosamento)»⁶.

E valerá também a pena lembrar que aquela intenção comunicativa global (ou «totalidade de significação entendida pelo locutor») «só se torna disponível no e pelo texto efectivamente concretizado, através da reconstrução – quase sempre meramente aproximativa – que dela faz o receptor.»⁷ Em tal operação ou complexo de operações – que continuamente se aplicam sobre sucessivas «tranches de discours» integrantes do texto em ordem à sua compreensão, que «se construit peu à peu, par additions entraînant constamment des réinterprétations» – o receptor-intérprete projecta «en plus de sa connaissance de langue», «un ensemble de SAVOIRS (cotextuel, contextuel, situationnel, encyclopédique...) qui interagit avec les données strictement textuelles.»⁸.

1.2. Quero observar que a perspectiva de trabalho atrás delineada – a captação e caracterização do que *do texto se revela no microestrutural*, por obra da *dominância* do macroestrutural/global (e do superestrutural) sobre o local – apresenta amplos pontos de contacto com a que toma por objecto a frase enquanto unidade contextualizada, desde que se entenda que esta contextualização se dá não apenas com referência, numa óptica horizontal, ao contexto verbal (cotexto), mas também e antes de tudo, e sempre, com referência, numa óptica vertical, ao agregado de sentido correspondente à intenção comunicativa global que preside à produção textual/discursiva e nesta continuamente se manifesta – e, através desse agregado de sentido, à situação em que se inscreve essa produção. De resto – convém ter presente –, o cotexto não pode senão ser tomado como parcela já manifesta desse mesmo agregado global de sentido.

O que é, então, específico daquela perspectiva (e dela faz um enfoque textual, e não meramente cotextual e contextual) é a consideração do que na frase (e também no intrafrásico e no tansfrástico) está de modo saliente vin-

⁵ Idem, *ibidem, ibidem*. (O sublinhado é meu).

⁶ Fonseca, J., 1993b, p. 182.

⁷ Fonseca, J., *ibidem, ibidem*.

⁸ Pottier, B., 2000, p. 37.

culado à construção do texto como edifício semântico-pragmático e como totalidade de significação/sentido – ainda que esta vinculação se dê, como predominantemente se verifica (e, em particular, nos textos extensos), pela via da configuração de complexos semântico-pragmáticos intermédios, eles mesmos também, naturalmente, mobilizados para a configuração desse mesmo edifício e dessa mesma totalidade. Atender a estes aspectos será, então, aceder directamente, ou mais de perto, ao processo de elaboração e de reelaboração do sentido que se dá na, e pela, construção do texto.

1.3. Quero salientar que as considerações antes desenvolvidas não devem conduzir a que se tome a *dominância* do todo (intermédio ou final) sobre as partes ou os elementos como um princípio unilateral na construção do texto e do seu sentido; na verdade, esse princípio contém ou convoca de modo claro a indicação de que aquela construção é a resultante de um continuado vaivém entre o global e o local, de um jogo de interacções – de orientação tanto proactiva como retroactiva –, de interdependências e de co-determinações (ou de determinações recíprocas, como acima escrevi) entre esses níveis ou planos⁹. Este complexo dinâmico de interacções/interdependências/co-determinações é verdadeiramente constitutivo do texto – resultando, em boa verdade, da inevitável tensão entre, de um lado, a globalidade ou a totalidade de sentido que nessa unidade linguístico-comunicativa se vaza, e, do outro, a inultrapassável linearidade dos produtos discursivos, que têm de se submeter aos quadros formais da língua, cuja construção mais larga ou extensa é, como se sabe, a frase.

1.3.1. Por outro lado (e é importante tê-lo presente), aquele mesmo complexo dinâmico de interacções/interdependências/co-determinações revela-se constituir a raiz da afectação, que não raro tem lugar, de microestruturas a novos/outros modos de funcionamento no todo textual/discursivo – projectando-as na configuração de planos específicos de sentido.

2. É à luz das anotações antes formuladas que me proponho analisar as virtualidades das comparativas condicionais moldadas no esquema *como se (não) p*¹⁰ – actualizadas como independentes ou como termos, nucleares ou

⁹ Sobre a noção de *dominância* do todo sobre as partes e as interacções que, no texto, se travam entre o macroestrutural e o microestrutural, ver Fonseca, J., 1992a, 1993b e também Fonseca, J., 1994a.

¹⁰ Por economia, passarei a referenciar as comparativas em foco – que nos exemplos serão destacadas por itálico – por *como se p*, que valerá, segundo os casos concretos, por *como se p* ou por *como se não p* (sendo que esta solução é muito menos frequente que a anterior).

não nucleares (designadamente, periféricos/marginais), de frase – no que respeita à configuração de textualidade.

Em estudo anterior¹¹, debrucei-me sobre as propriedades semântico-pragmáticas e também sintáticas das comparativas condicionais e, em particular, das que ocorrem projectadas em discurso como sintacticamente independentes – zona em que se impõe a distinção de dois subtipos bem diferenciados, também aqui, em 3., sumariamente introduzidos através dos exemplos (1) e (2). A reflexão centrou-se sobre as comparativas condicionais do subtipo ilustrado em (1) e conduziu a reconhecer que os grandes traços que as marcam se encontram também nas comparativas condicionais do mesmo formato actualizadas como *incisos* (que, embora inscritos em frase, aí detêm uma plena autonomia sintáctica)¹², e ainda num subconjunto das mesmas comparativas condicionais concretizadas na construção frásica como *adjuntos*¹³. Servi-me nesse estudo de um vasto *corpus*, integrado de enunciados colhidos em produções discursivas do quotidiano ou, ocasionalmente, por mim construídos; de segmentos de discursos de opinião publicados no diário «*Público*» (ano de 2001) e no semanário «*Expresso*» (ano de 2002); de extractos do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC)¹⁴; e ainda de enunciados recolhidos em *Os Maias* de Eça de Queirós¹⁵.

No presente trabalho, ocupar-me-ei, em 3., das comparativas condicionais independentes (e afins) – segmento em que, por um lado, retomarei alguns exemplos e também alguns comentários contidos no estudo acima referenciado (embora reformulados, e alargados, em função da orientação discursiva central da presente exposição), e, por outro lado, juntarei, e explorarei, um ou outro novo exemplo – extraídos do semanário «*Expresso*» (ano de 2002) e de *Os Maias*; em 4. e em 5., servir-me-ei exclusivamente de trechos retirados de *Os Maias* – para tratar, no primeiro desses sectores, aspectos das comparativas condicionais integradas em frase, e, no segundo, as propriedades e o funcionamento textual/discursivo dos segmentos realizados no complexo sintagmático *ser como se p.*

¹¹ Ver Fonseca, J., 2003.

¹² Ver também aqui, 3.2.

¹³ Ver também aqui, 3.3.

¹⁴ Projecto desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a responsabilidade da Doutora Fernanda Bacelar. Registo que as construções utilizadas são retiradas do subcorpus literário, e também do subcorpus oral, de português europeu.

¹⁵ É conhecido o largo recurso que faz Eça de Queirós – e não apenas na obra referenciada – a processos comparativos, de todos os tipos e vazados em soluções muito variadas. Anoto que em *Os Maias* contei oitenta e três comparativas condicionais moldadas em *como se (não) p.* Nas citações desta obra utilizo a edição de «Livros do Brasil», Lisboa, s/d. Ver, entretanto, mais adiante, as Notas 41, 48 e 54.

As considerações a desenvolver orientam-se fundamentalmente – como acima anuncio – para a captação e caracterização das comparativas condicionais enquanto recurso para a configuração de textualidade, enquanto componentes microestruturais/locais com virtualidades «text-forming»¹⁶.

3. No domínio das comparativas condicionais sintacticamente independentes, há que reconhecer dois subtipos inequivocamente distintos, que de imediato ilustro em (1) e (2)¹⁷:

(1) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*

(2) – «Começa a chover. Isto é, se não estava a chover antes. As luzes das lojas e dos candeeiros parecem novinhas em folha. *Como se estivessem a brilhar. Como se fossem estrelas ou outras coisas que não há.*» (CRPC).

Tratarei as comparativas condicionais independentes do primeiro subtipo (subtipo I) nos números imediatamente seguintes; ocupar-me-ei das do segundo subtipo (subtipo II) mais adiante, em 3.4.

3.1. As comparativas condicionais independentes do subtipo I são claramente marcadas por contrafactualidade e apresentam um vincado carácter dialógico-interactivo. Elas surgem como comentário – que veicula, segundo modalidades diversas, um *desacordo* do Loc sobre uma outra voz (de um outro Loc, que designarei por Loc0 – convindo, então, àquele a etiqueta de Loc1), que ou surge directamente no cotexto imediatamente precedente ou (como acontece em (1)) aí é retomada ou referenciada. Tal comentário obtém, assim, um claro estatuto de comentário *metadiscursivo* ou mesmo *metaenunciativo*, a que se agregam diferentes valores modais (que indicarei de seguida de modo sumário), não raro sobrepostos, todos em sintonia com o teor de desacordo que essencialmente o marca¹⁸. No todo, *como se p* surge como *sequência (conversacionalmente/discursivamente) não preferida*, constituindo

¹⁶ Retiro esta palavra de Wunderlich, D., 1979. Faço notar que o Autor referencia sob tal designação sobretudo, ou mesmo exclusivamente, dimensões ligadas aos *pares adjacentes*. Ver Fonseca, 1994a.

¹⁷ Para uma análise mais desenvolvida, ver Fonseca, J., 2003.

¹⁸ Para o registo e análise desses valores modais – e também para caracterização dos aspectos centrais em que radica a sua activação/geração – ver Fonseca, J., 2003. Observarei que na expressão daqueles valores modais está envolvida, na oralidade, a entoação específica (de tipo exclamativo e suspensivo) com que são realizadas as comparativas condicionais em referência – dimensão que, na escrita, é representada através de ponto de exclamação e/ou reticências.

uma *réplica* – orientada para a *contestação / refutação / rejeição / reprovação* e ainda para a *crítica/censura* – em conflito com uma intervenção discursiva anterior de um outro Loc, sobre que incide. Importará acrescentar que esta réplica se aplica especificamente sobre uma dimensão *implicitada* (convencionalmente ou não convencionalmente) na intervenção de Loc0 – dimensão essa que o comentário crítico de Loc1 explicita¹⁹.

O processo comparativo marcado em *como* conduz, por obra da contra-factualidade da condicional, à projecção dos valores modais acima apresentados (reunidos na função pragmático-discursiva de *réplica*), que vêm a primeiro plano. O segmento condicional funciona, como se esperaria, como *comparante* – não raro, e em função dos estados de coisas nele referenciados, ao serviço de uma caracterização intensiva do elemento sobre que a comparativa incide²⁰.

3.1.1. Nos termos apresentados no número anterior, ficam desenhados no discurso, por um lado, um movimento de cariz discordante/refutativo, e, por outro, uma sequência discursiva – de teor argumentativo –, imediatamente respeitante à articulação entre uma dada voz e uma segunda, que a contesta/crítica.

Este ‘par mínimo’ pode, naturalmente, ver-se especificamente alargado: por um lado, o movimento discordante/refutativo convoca, tipicamente (por exigência da boa formação semântico-pragmática das sequências argumentativas), os necessários apoios em ordem à sua sustentação adequada; por outro lado, a réplica assim materializada abre, por sua vez, caminho, faz mesmo esperar (na base de *esquemas de acção discursiva* padronizados) uma intervenção do Loc contestado e a modalidade de que se revestirá.

¹⁹ Anoto que os casos que envolvem *implicitações* ligadas ao ilocutório recortam uma zona particularmente ilustrativa do funcionamento discursivo das comparativas condicionais independentes do subtipo I. No entanto, cabem em *como se p* comentários dirigidos a todos os tipos de situações (linguisticamente capturadas em predicados quer de estado quer de evento quer de actividade) – tomadas em si mesmas e nas suas implicações ou nas inferências que disponibilizam, nos actantes e circunstantes envolvidos ou em dimensões várias que se revistam de pertinência numa dada interacção. Neste quadro, ter-se-á, por vezes, que tomar como *extensão* do seu sentido estrito o carácter metadiscursivo ou metaenunciativo de *como se p*. Ver Fonseca, J. 2003.

²⁰ Esses estados de coisas surgem, muitas vezes, como situações extremas ou marcadas por uma propriedade em intensidade exemplar, configurando-se, então, casos típicos de comparações que em estudo anterior designei de *comparações emblemáticas* (Ver Fonseca, J., 1993a). Por outro lado, conjuga-se frequentemente com a dimensão referenciada a intensificação advinda do carácter metafórico que marca *como se p* – aspecto de que me ocuparei mais adiante.

Interessa registrar que aquela sustentação ou fundamentação não é correntemente avançada pelo Loc – pois que ao optar por *como se p* ele joga, decididamente, com a força do que toma como evidência, dando por garantida a verificação dos estados de coisas correspondentes à contrária / contraditória de *p*. Devo assinalar que esta evidência, que é tida como partilhada, respeita não raro a uma *verdade geral* ou mesmo a uma *doxa*, tomadas como reconhecidas e irrefutáveis²¹.

Acontece, entretanto, que muitas vezes o Loc insiste explicitamente nessa evidência. Tal é feito muito correntemente com o recurso a expressões, por vezes introduzidas pelo contrastivo «mas», que a sublinham – tais como «mas é falso que *p/não é verdade que p*», eventualmente reforçadas por segmentos (onde figuram *lexias factivas*) que a assinalam como partilhada/reconhecida por todos (como «é sabido que...», «todos sabem que...», «(é) claro/evidente que...»). Retomando (1), teremos:

(1') – Já repetiste *n* vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!* (Mas) É claro / Claro /
/ Sabes bem que eu não sou surdo...

Observo que este prolongamento ou acrescento nunca é, em rigor, irrelevante, se bem que tendencialmente ele seja redundante (e até, de modo imediato, tautológico) – e isto porque representa uma insistência com pronunciado rendimento argumentativo.

Muitas vezes, aquele prolongamento estende-se ainda pela afirmação explícita, e enfatizada, da contrária/contraditória de *p*, quase sempre precedida da expressão correctiva, com largo poder de *focagem*, «(antes) pelo contrário», como em

(1'') – Já repetiste *n* vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!* (Mas) É claro/Claro que eu não sou surdo... *Antes pelo contrário: (até) ouço muito bem...*

Ter-se-á em conta que muito correntemente aparecem em *como se p* predicados axiologicamente marcados, de cariz negativo (cf. «surdo»), cuja rejeição vale bem uma redundância do tipo apontado, de que o Loc retira dividendos argumentativos em ordem também à reposição da sua boa imagem ou à salvaguarda da sua face positiva, contra a qual atentam os predicados daquele tipo, *implicitados* ou *dados a entender*, aos olhos do Loc (Loc1) – que os explicita –, na/pela intervenção de Loc0, a que aquele replica.

²¹ Ver mais abaixo, 3.1.4.

Dada a força argumentativa concentrada, nos termos apresentados, em *como se p*, não será de estranhar que o *conflito de vozes* instaurado seja resolvido a favor da que aí se faz ouvir explicitamente. Não se ignorará, porém, que a *réplica* de Loc1 vazada em *como se p* abre também (como acima registei) um espaço discursivo, onde terá lugar ou uma *contra-réplica* – que relançará, de um modo ou de outro, o conflito – ou, como *solução preferida*, um movimento (que não deixa de ser convocado por Loc1) de ajustada *reparação* e de *rectificação / correcção*, orientadas, uma e outra, para o apaziguamento ou a reconciliação e, com isso, para a reposição das imagens dos inter-actantes do discurso.

Tal se verifica, em particular, nas interações travadas em discurso dialogal – que é o lugar por excelência, ou típico, para trocas deste género. Ilustrarei o que acabei de recortar com as sequências seguintes, construídas a partir de (1) – em que (ii) surge como reacção a (i):

- (1a) (i) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*
 (ii) – Não estavas a dar a mínima atenção ao que eu te dizia...

- (1b) (i) – Já repetiste n vezes a mesma coisa. *Como se eu fosse surdo!*
 (ii) – Tens razão; desculpa (mas não estavas a dar a mínima atenção ao que eu te dizia...).

Em (1a – (ii)), o Loc (=Loc0) replica (contra-replica) a Loc1 com uma intervenção de cariz justificativo, que, ao mesmo tempo, dá conta da ofensa à sua face (que também critica/censura – justamente, em jeito de contra-réplica) que vê no comportamento, marcado por alheamento/desinteresse, de Loc1, que referencia, e também, mais directamente, na enunciação de *como se p*.

Em (1b), temos uma *sequência* (conversacionalmente/discursivamente) *preferida*, em que Loc0 (em (ii)) acata o protesto/a contestação de Loc1 (em (i)) e desenvolve um movimento de reparação – não sem juntar, muitas vezes (cf. o segmento entre parêntesis), um acrescento de ordem justificativa do mesmo teor do que encontramos em (1a – (ii)).

3.1.2. Os exemplos e as considerações avançados antes conduzem à verificação de que, por obra do desenho, que activam, de um quadro interactivo-dialógico eminentemente dinâmico, que ocasiona encadeamentos específicos, as comparativas condicionais em foco estão orientadas para a configuração de *esquemas de acção discursiva*, que se manifestam não apenas em *movimentos discursivos* mas também em *sequências discursivas*. Contam-se, assim, com vincada especificidade, entre os recursos, de largo espectro, para a *textualidade* – designadamente, pela projecção que obtêm no plano *macroestrutural* (intermédio) ou no plano *sequencial*.

Este aspecto do funcionamento das comparativas condicionais do subtipo em referência – isto é, a sua capacidade de conformação de movimentos discursivos e de configuração, ou mesmo *pré-desenho* ou *pré-formação*, de seqüências discursivas – dá-se, como se nota, de modo específico: por um lado, os prolongamentos ou acrescentos de ordem argumentativa a que acima me referia estão em estreita sintonia com a contrafactualidade de *se p* – que representa, sem dúvida, uma inultrapassável restrição (vinculada à necessária salvaguarda da *coerência* do discurso)²² ao teor desses acrescentos ou prolongamentos; por outro lado, *como se p* veicula, como vimos, uma *réplica*, com um conteúdo de cariz metaenunciativo ou metadiscursivo, orientada, essencialmente, para a contestação / refutação / rejeição e também crítica / censura – sendo ainda que essa réplica abre caminho a, gera a expectativa forte de, ou uma *contra-réplica* ou uma *reparação e rectificação/correção*. Esta última será, como acima registei, a *solução preferida*, que conduzirá à resolução, pela positiva, da situação conflitual.

3.1.3. A análise que venho propondo mostra, sem dúvida, que a construção em referência constitui um recurso não apenas de largas virtualidades estruturantes ao nível macroestrutural do texto, mas também particularmente económico, de assinalável agilidade e de ampla rendibilidade comunicativo-argumentativa. Dados estes últimos aspectos, não é por acaso que ela recorra abundantemente em produções verbais marcadamente argumentativas como são os discursos de opinião, que, hoje mais do que nunca, os *media* escritos não dispensam.

3.1.3.1. Os segmentos discursivos (3), (4) e (5) a seguir introduzidos são disso exemplo – como exemplo são também das virtualidades «text-forming»²³, em que tenho vindo a insistir, da construção. Neles se destaca um movimento discursivo de contestação ou de refutação/contestação, aberto e logo fechado – sendo que esta condensação lhe dá uma força vincada. Mas igualmente vincados são ainda os valores modais activados: por um lado, a indicação de uma contra-expectativa – e do espanto, crítico, que lhe fica associado –, e, por outro, e sobretudo, a censura/reprovação e/ou o lamento (quase sempre indignados), que são dirigidos a quem enuncia ou subscreve a posição contraditada, ou a quem é apresentado como agente de uma dada actividade, igualmente alvo de contestação. Acontece também que *como se p* carrega mui-

²² Atinente aqui à condição/exigência de *não contradição*. Ver Fonseca, J., 1992a e Fonseca, J., 1993b.

²³ Ver, acima, a Nota 16.

tas vezes a problematização/invalidação dos fundamentos, das motivações e de circunstâncias relevantes daquelas posições/atividades – sendo que esses fundamentos, motivações e circunstâncias, umas vezes, estão patentes no cotexto que é comentado, outras vezes, estão, aos olhos do Loc, disponibilizados por *implicitação* (convencional ou não) activada nesse ou por esse cotexto.

Os traços apresentados são claramente visíveis em (3), trecho em que *como se p* obtém uma inequívoca centralidade – à comparativa condicional se vinculando também, explicitamente, o comentário que a segue:

- (3) – «Repare-se como muita gente acha que Berlusconi será um bom primeiro-ministro porque é um eficaz patrão empresarial. *Como se gerir uma empresa e governar um país fossem a mesma coisa* – aí está mais um sintoma da actual, e preocupante, subordinação da política à economia.»
(F. Sarsfield Cabral, «Berlusconi, um símbolo», in «Público», 19 de Maio de 2001)

Em (4), as duas comparativas condicionais fecham o extracto, intensificando a contra-expectativa, e a crítica/censura – que amplia de modo penetrante –, de que ele dá conta. Este trecho tem, por outro lado, a particularidade de ilustrar um encadeamento de *como se p* sobre uma ausência de intervenção de um Outro – sobre uma omissão –, referenciada em «Ninguém perguntou»: tal ausência/omissão, no quadro em que se dá, activa a *implicitação* do que o Loc *explicita* nas comparativas condicionais. A segunda destas construções apresenta-se como *reformulação (não parafrástica)*²⁴ da primeira – trazendo essa reformulação um claro acréscimo comunicativo-expressivo: tal é obra, em particular, do emprego do verbo «assumir» e do nome «futuro», a que anda ligada uma forte carga simbólica e conotativa, que aqui é amplificada pela ligação, igualmente plena de simbolismo, entre «crianças» e «futuro». Mais exactamente, esta ligação radica numa *metáfora conceptual* – que é, assim, aqui convocada com amplos efeitos de intensificação – traduzida em “as crianças são promessa de vida/futuro”²⁵. Neste quadro, avulta o papel de cariz integrador que as duas comparativas condicionais desempenham no extracto em referência, que rematam de modo significativo. Vai no mesmo sentido a observação de que essas mesmas construções, pela sua brevidade e pela concentração de valores semântico-discursivos que nelas se dá, respon-

²⁴ Ver Fonseca, J., 1992b.

²⁵ Sobre as dimensões metafóricas (vinculadas ou não a *metáforas conceptuais*) que, não raro (como já apontei na Nota 20), percorrem o conteúdo de *como se p*, ver, mais adiante 3.4.1. e 4.2. (mais especificamente, 4.2.1., 4.2.5. e 4.2.7.). Ver também a Nota 47 e o segmento da exposição a que respeita.

dem em eco, respectivamente, à brevidade e, por contraste, à laconicidade da notícia – em contraposição com o desenvolvimento que, na comunicação social, é dado a «outras vítimas da mesma guerra» –, que o extracto referencia e comenta criticamente. Vamos ver/ler:

- (4) – «A notícia de sábado é breve. Diz apenas: «A Unita entregou as 60 crianças que levava consigo durante o ataque de há três semanas ao Caxito, a 60 quilómetros de Luanda». Cita o vice-presidente do movimento, António Dembo. E nada mais. Não confirma junto da Unicef, entidade que denunciara o crime (apesar de esta ter emitido um comunicado a congratular-se com a libertação dos menores e de dois adultos, basta consultar a Internet e, assim, afastar a dúvida), não diz em que condições foram libertadas nem porquê. Lacónica. Jornalisticamente o assunto morreu ali. Contrariamente a outras vítimas da mesma guerra, a dos diamantes e do petróleo (os portugueses reféns de Cabinda), estas crianças não suscitam a curiosidade dos meios de comunicação social. O que é que lhes aconteceu? O que é que lhes vai acontecer? Ninguém perguntou. *Como se não houvesse depois. Como se se assumisse que em Angola não há futuro.*»
(Dulce Neto, «Sacrificar o Futuro», in «Público», 28 de Maio de 2001)

Consideremos agora o fragmento (5):

- (5) – «Em Portugal, aliás, campeiam nesta matéria os mais papistas do que o Papa. Com o dr. Fernando Rosas, no caso Bendit, a achar que este não deveria ter nada de que pedir desculpa ou de que se arrepender e o próprio dr. Mário Soares a dizer, a respeito do passado revolucionário de Fischer, «como se ter sido jovem revolucionário fosse um crime!». Depende do que se fizer enquanto tal, ou não? A prova é que o seu amigo terrorista foi condenado a nove anos de prisão!
Em Portugal, no entanto, qualquer argumentação em contrário continua a ser vista como discurso reaccionário. Prova-o bem a sentença proferida a semana passada no caso das FP-25. [...] Mas se a Justiça realizada 17 anos depois já dificilmente pode ter pretensão de ser justa, não é só estranho o baixo valor das indemnizações entregues às vítimas – é estranha toda a sentença, com a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos, mesmo a coberto da falta de provas (como se não fossem estes a doutrinar os primeiros!). Ficámos a saber que os «danos colaterais» não são apenas exclusivos da linguagem da NATO.
Como se o contexto histórico desculpasse tudo e nas mesmas circunstâncias e com as mesmas idades não tivessem existido escolhas diferentes. Não é crime ter passado pela extrema-esquerda se não se pretender escamotear o erro de boa parte da sua acção e isso implica humildemente pedir desculpa, como fez a Igreja em relação à Inquisição, às cruzadas, etc. Há erros que nenhum contexto desculpa.»
(Graça Franco, «Erros Que Nenhum Contexto Desculpa», in «Público», 10 de Abril de 2001)

Neste caso, a comparativa condicional independente (que abre o último parágrafo)²⁶ obtém um nítido papel estruturador – mesmo ao nível macroestrutural global do texto. Mostra-o, em particular, a circunstância de nela ficar expresso, de modo concentrado, o grande rumo discursivo de todo o fragmento, ou mesmo de todo o texto: comprovam-no explicitamente não apenas o carácter *sumativo* do seu conteúdo (isto é, da contrária/contraditória de *p*, dada a já assinalada – e, de resto, evidente – contrafactualidade de *como se p*) em relação aos elementos fornecidos no cotexto precedente como também a forte sintonia desse conteúdo com o próprio título («Erros que Nenhum Contexto Desculpa») e ainda com o último enunciado («Há erros que nenhum contexto desculpa») – este, em declarado diálogo ou em apertada relação ecóica quer com a comparativa condicional quer com o título. Estes laços sem dúvida que amplificam aquele carácter sumativo do conteúdo da comparativa condicional e, por essa via, o papel estruturador que ela obtém no todo do texto.

3.1.3.2. É basicamente da mesma índole dos anteriores o exemplo (6), introduzido já de seguida, em que *como se p* põe particular acento em representações sociais/valores, permitindo ao Loc uma tomada de posição forte contra o que indiciam «as indecorosas cenas a que nos começamos a habituar» – como referencia o segmento sobre que se dá o encadeamento da comparativa condicional. Tais «indecorosas cenas» remetem (por obra do universo de saberes que o texto convoca, e activa) para, entre outros aspectos, alguma arrogância da parte dos agentes portugueses nelas envolvidos – dimensão que encontra eco no lexema «orgulho» contido em *como se p*. A comparativa condicional constitui aqui um fecho deveras acutilante para todo o discurso – nela utilizando o Loc a invocação de um estado de coisas que, pelo seu carácter anti-ético extremo, não pode senão ser por todos reprovado e rejeitado; de resto, essa reprovação/rejeição apoia-se também no valor da solidariedade ou no reconhecimento da partilha de uma mesma condição – para que remete o título do texto (assim também subsumido em *como se p*): «Somos todos imigrantes». De notar ainda que o estado de coisas capturado em *se p* serve também de medida (envolvida no processo comparativo marcado em «como», que se orienta aqui para uma caracterização intensiva)²⁷

²⁶ Anoto que o trecho em referência contém duas outras comparativas condicionais: uma, inscrita (em discurso relatado) no primeiro parágrafo) e uma segunda, actualizada como *inciso*, que será considerada em 3.2. (exemplo (8)).

²⁷ Neste exemplo, como em alguns outros ao longo da exposição, o processo comparativo recortado em *como se p* manifesta os traços típicos do que se contém em *comparativas emblemáticas*. Ver, acima, a Nota 20.

para o “indecoroso” «das cenas» referenciadas – e para o perigo, sobre que o Loc adverte com idêntica veemência, da sua naturalização entre nós (Cf. «a que nos começamos a habituar.»). Vejamos:

- (6) – «As migrações modernas transformaram-se num dos mais difíceis problemas da humanidade. São milhões as pessoas que, em qualquer momento, andam à procura, tentam instalar-se, são vítimas de preconceitos, provocam incidentes ou são preza do mais cruel banditismo. Andam por aí, sem eira nem beira. Agora batem à porta dos portugueses, que não têm a experiência de receber estrangeiros, mas que sabem tudo do destino dos errantes. Por isso deveríamos ser capazes de evitar as indecorosas cenas a que nos começamos a habituar. *Como se a miséria deles fosse o nosso orgulho.*»
(António Barreto, «Somos todos imigrantes», in «Público», 22 de Abril de 2001)

Tomemos agora o trecho seguinte:

- (7) – «Das eleições – compromisso de honra do MFA – saíram vencedores PS e PPD, representantes da «vontade popular maioritária», que havia que respeitar. Em vez disso, VG (Vasco Gonçalves) insurge-se contra o facto de aqueles partidos, assim como os militares moderados, terem «uma estratégia de tomada do poder». *Como se a política não fosse isso mesmo... Como se a extrema-esquerda e Otelo, o PCP e os militares gonzalvistas estivessem alheados do poder... Como se o «Verão Quente» não tivesse sido a batalha final entre a legitimidade democrática e a legitimidade revolucionária...*»
(J. Pedro Castanheira, «O retrato inacabado de um general marxista», in «Expresso»/«Revista», 01 de Novembro de 2002)

O que avulta neste extracto é, sem dúvida, a força crítica obtida com *como se p* – força essa que se vê ampliada pela recorrência da construção (actualizada, sucessivamente, nos moldes *como se não p*, *como se p e*, de novo, *como se não p*), que carrega, em cada um dos três casos, elementos que põem a descoberto a insustentabilidade e o carácter ingenuamente contraditório do ponto de vista laboriosamente defendido por Vasco Gonçalves, que acusa os partidos vencedores das eleições «assim como os militares moderados» de terem «uma estratégia de tomada do poder». Por outro lado, *como se p* integra-se no recorte de outras dimensões de crítica/refutação obtidas noutros momentos do mesmo texto²⁸, e imprime ao extracto em foco um saliente efeito de agregado unitário – marcado, de resto, tipograficamente como parágrafo: aí, a evocação das eleições como «compromisso de honra do MFA» e da circunstância de nelas «PS e PPD» terem sido constituídos como «representantes da “vontade popular maioritária”», que, como lembra o Autor, «havia que respeitar», é estrategicamente convocada para pôr em relevo as

²⁸ Ver 3.3.2.

contradições (que *como se p* eloquentemente ilustra) de Vasco Gonçalves – que, como se lê na sequência do texto, e a propósito (também) de outros segmentos, continua a revelar-se «maniqueísta», «fiel a um rígido esquema de pensamento», “persistindo” «na mesma grelha de leitura de há 26 anos»²⁹.

3.1.4. Tive já a oportunidade de assinalar o carácter eminentemente interactivo e dialógico das comparativas condicionais que vêm sendo focadas – carácter interactivo-dialógico esse que se traduz no estatuto que elas obtêm de *sequências não preferidas*, orientadas para a *contestação / refutação / rejeição / reprovação* e também *crítica / censura*.

3.1.4.1. A caracterização proposta mostra que tais comparativas condicionais trazem para o discurso uma específica *conjugação de vozes*³⁰, que se desenha como um *conflito* (entre, como sabemos já, Loc0 e Loc1).

Esta dimensão da construção em estudo imprime, pois, no discurso uma clara *heterogeneidade enunciativa* – nele projectando, embora de forma concentrada, *movimentos dialogais* e o dinamismo que lhes é próprio, particularmente acrescido pela dissonância de vozes que neles se dá a ouvir, ou seja, pelas dimensões de conflito/dissenso que apontei.

3.1.4.2. Dado o cariz conflitual que, como ficou visto, estes segmentos apresentam, verifica-se também que eles projectam uma *modalidade enunciativa* igualmente específica, pois desenham um desenvolvimento discursivo marcado de um forte *envolvimento* do Loc (Loc1) e ainda de uma acentuada *tensão*. Estas dimensões traduzem a construção de uma relação intersubjectiva percorrida por uma mais ou menos intensa fricção. Os valores modais que são activados dão testemunho inequívoco desse envolvimento e dessa tensão – tensão que, como anotei acima, só tende a diluir-se ou, pelo menos, a atenuar-se, *se/quando surge*, na sequência da réplica, uma *solução preferida*. O *pré-desenho* deste desenvolvimento, que, como observei, não deixa de estar contido em *como se p*, esboça, assim, também o caminho para a resolução daquela mesma tensão.

²⁹ O texto em referência reporta-se à publicação do livro – cujo lançamento está anunciado para os dias imediatamente subsequentes à data do semanário (01 de Novembro de 2002) – *Vasco Gonçalves. Um General na Revolução* (Lisboa, Editorial Notícias), que recolhe entrevistas conduzidas (entre Junho de 1991 e Março de 1992) por Maria Manuela Cruzeiro (investigação no âmbito do “Projecto de História Oral” do Centro de Documentação 25 de Abril, da Universidade de Coimbra).

³⁰ Ver Fonseca, J., 1994a. Ver também 3.1.4.3.

3.1.4.3. Por outro lado, as comparativas condicionais que nos ocupam representam ainda uma outra instância de *heterogeneidade enunciativa*, situada num outro plano. Vimos que o Loc, na réplica realizada em *como se p*, prescinde habitualmente de agregar a respectiva fundamentação; na verdade, e como acima deixei anotado, ao optar por *como se p* ele joga, decididamente, com a força do que toma como evidência, dando por garantida a verificação dos estados de coisas correspondentes à contrária/contraditória de *p* – que tende frequentemente a surgir como uma *verdade geral* ou como uma *doxa*, que são, deste modo, trazidas do intertexto/interdiscurso ao discurso efectivo; este resulta, assim, marcado por uma outra dimensão saliente de *heterogeneidade enunciativa*, concretizada ainda como *conjugação de vozes*³¹, mas agora de vozes que se articulam em sintonia e que apresentam um estatuto semiótico radicalmente diverso.

Alguns dos exemplos apresentados mostram isso mesmo. Neles o Loc socorre-se, em *como se p*, dessas vozes, designadamente de *verdades gerais* / *doxas*, de grande relevância e, por vezes, de acentuado significado ideológico: elas surgem aí vazadas numa condicional, como sabemos, contrafactual – e, justamente, a contrafactualidade de *se p* disponibiliza, e impõe, como já acentuei, a contrária/contraditória de *p*, que repõe, na positiva, essas *verdades gerais/doxas*, a que o Loc junta, inequivocamente, a sua voz, num movimento argumentativo de grande ênfase, já, acima, suficientemente caracterizado.

3.1.4.4. Acresce ainda um outro aspecto neste mesmo domínio da organização enunciativo-pragmática, que, como os anteriores, respeita a dimensões relevantes na ordem das virtualidades de *como se p* para o desenho de textualidade. Dado o carácter de complexo *comentativo* do que a comparativa condicional independente do subtipo em referência (subtipo I) veicula – carácter comentativo esse que se conecta com, ou em que se traduz, a índole *meta-discursiva* ou mesmo *metaenunciativa* que já acima atribuí ao conteúdo da mesma construção –, a sua ocorrência no texto recorta nele um *plano enunciativo* específico, que corresponde a uma *mudança de perspectiva enunciativa*, objectivada justamente na presença de uma voz que *tematiza* algum segmento do discurso ou a sua enunciação para o/a comentar, interrompendo o fluxo referencial-informativo ou comunicativo em desenvolvimento ou nele se intercalando com marcada individualidade. Tal equivale também a dizer que, dessa forma, se institui no texto uma *heterogeneidade compositiva*, de que *como se p* é o marcador³².

³¹ Ver 3.1.4.1. e a Nota anterior.

³² Sobre estas dimensões de heterogeneidade projectadas no texto/discurso, ver Fonseca, J., 1994a.

3.2. As regularidades que tenho vindo a recortar dão-se também nas ocorrências de *como se p* actualizado como *inciso* – situação que lhe confere uma total autonomia sintáctica, similar à que se verifica nos casos antes considerados. Tal inciso (marcado, na escrita, por parêntesis ou por travessão) revela-se portador de um acréscimo comunicativo de índole comentativa – com orientação nítida para a refutação/contestação mais ou menos indignada – ao contido em algum termo ou segmento do enunciado a que se conecta, ou a este no seu todo³³.

Passo a exemplificar com dois curtos extractos, que comentarei brevemente:

- (8) – «Mas se a Justiça realizada 17 anos depois já dificilmente pode ter pretensão de ser justa, não é só estranho o baixo valor das indemnizações entregues às vítimas – é estranha toda a sentença, com a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos, mesmo a coberto da falta de provas (*como se não fossem estes a doutrinar os primeiros!*). Ficámos a saber que os «danos colaterais» não são apenas exclusivos da linguagem da NATO.»

(Graça Franco, «Erros Que Nenhum Contexto Desculpa», in «Público», 10 de Abril de 2001)

- (9) – «A violência, o carácter revolucionário da verdadeira poesia – *como se a poesia pudesse, sem se negar, não o ser...* – são dados não tanto pelo domínio exclusivo de uma linguagem nova como pela irresistibilidade de uma experiência própria.» (CRPC)

Em (8), *como se p* é jogado como argumento que acentua a “estranheza” da sentença referenciada, aplicando-se, em particular, sobre «a condenação dos operacionais e a absolvição dos políticos» – e sobretudo sobre a não pertinência da invocação de «falta de provas»: o Loc refuta subtilmente esse apoio da decisão judicial, invocando como evidência irrecusável a responsabilidade, no plano moral e ideológico, que cabe aos «políticos» (absolvidos), dada a sua acção de ‘doutrinação’ exercida sobre os «operacionais» (condenados). O inciso apresenta-se claramente como um microtexto que, tão sumária quanto eficazmente, contraria/infirma ou invalida mesmo o segmento discursivo a que imediatamente se aplica, fazendo ressaltar a adequação e o bem fundado do rumo discursivo do trecho transcrito – rumo discursivo esse em cujo recorte participa de modo decisivo³⁴.

Similares comentários se revelam também apropriados para o fragmento (9) – em que *como se p* se aplica a uma voz que o Loc presente, e convoca

³³ Para mais desenvolvimentos, ver Fonseca, J., 2003.

³⁴ O trecho em foco contém uma (outra) comparativa condicional independente, já analisada em 3.1.3.1. (exemplo (5)).

(imediatamente a anulando), como oponente à tese que está a defender, segundo a qual «a violência, o carácter revolucionário» são constitutivos da «verdadeira poesia», marcando-a profundamente sobretudo da «irresistibilidade de uma experiência própria». Observo que esta tese/posição surge já contida em «a violência, o carácter revolucionário da verdadeira poesia», onde é activada como pressuposição existencial a partir da descrição definida vazada nesse segmento. A comparativa condicional retoma, agora de modo explícito, essa tese/posição, que resulta reforçada mercê do movimento argumentativo recortado naquela construção.

3.2.1. Ter-se-á reparado que as propriedades semântico-pragmáticas, que acabei de apresentar, destas comparativas condicionais actualizadas como incisos trazem para o texto as dimensões dialógico-interactivas, e os efeitos por elas configurados, que ficaram sumariadas nos vários números de 3.1.4.

3.3. As comparativas condicionais ocorrem muito frequentemente como *adjuntos de frase*. Neste domínio, reconhece-se com nitidez um subconjunto dessas construções que são marcadas pelos traços típicos das que se concretizam como sintacticamente independentes do subtipo I, até agora aqui focadas³⁵.

3.3.1. Não raro, o adjunto assim realizado ocorre graficamente separado, por travessão, do corpo nuclear da frase em que se inscreve – o que lhe confere, de imediato, algum destaque, ao serviço de um efeito de *contraposição*. É o que encontramos na tripla ocorrência de *como se p* no trecho seguinte³⁶ – em que esse efeito de contraposição é, sem dúvida, intensificado pela recorrência, em apertada vizinhança, e em final de parágrafos curtos e ritmados, da construção, que visivelmente carrega os eixos centrais do funcionamento discursivo que antes ficou caracterizado:

(10) – «É caricato.

Dá a ideia de que perdemos a noção da dimensão dos problemas.

Agarramo-nos a miudezas e distraímo-nos do que verdadeiramente interessa.

Gastamos dias e dias a debater ninharias.

³⁵ Ver, entretanto, mais abaixo (em 4.), o tratamento dado a comparativas condicionais projectadas como adjuntos de outra índole.

³⁶ Convirá anotar que nos dois primeiros casos (mais claramente no primeiro) do presente exemplo, *como se p* comenta/critica não exactamente uma produção discursiva, antes um comportamento – o que exigirá que se tome aqui como *extensão* do seu sentido estrito o carácter metadiscursivo/metanunciativo de *como se p* (Ver, acima, a Nota 19).

E, aqui, o PS poderia ter um papel pedagógico importante.

Poderia centrar a discussão.

Questionar o Governo sobre o modo como pensa resolver certos problemas – apresentando ao mesmo tempo as suas próprias soluções [...].

Mas, em lugar de avançar com propostas para os grandes problemas, o PS tem optado por explorar os incidentes que vão surgindo.

Apoiou na rua a manifestação dos trabalhadores da RTP – *como se a situação da RTP se resolvesse com manifestações.*

Associa-se aos protestos dos sindicalistas da Função Pública – *como se fosse possível manter o actual número de funcionários públicos.*

Liderou o debate sobre as acções do Benfica – *como se tivesse melhor solução para o caso.*»

(José António Saraiva, «O sexo dos anjos», in «Expresso», de 08 de Junho de 2002).

Sobressaem aqui a forte crítica/censura e a vincada desqualificação que são feitas ao/do PS – sendo que nelas opera de modo saliente a selecção dos estados de coisas capturados em *como se p*, com que o Loc *desacredita* a opção tomada por esse partido de, «em lugar de avançar com propostas para os grandes problemas», se limitar a «explorar os incidentes que vão surgindo», referenciados, num movimento discursivo de especificação/exemplificação, nos segmentos a que as comparativas condicionais se aplicam; esses estados de coisas remetem para situações que são dadas como não tendo, ostensiva e reconhecidamente, nem cabimento nem consistência nem legitimidade, revelando-se mesmo constituir situações extremas ou paradigmáticas³⁷ de ligeireza, de insustentabilidade e até de demagogia. Tais dimensões, que marcam claramente o comunicado nestas ocorrências de *como se p*, muito potencializam ou ampliam os dividendos argumentativos propiciados pela construção.

Nota-se bem o veio semântico-pragmático recortado nas sucessivas ocorrências de *como se p* – veio que define mesmo a orientação discursiva central de todo o trecho (correspondente a um parágrafo, tipograficamente bem destacado), e que, através deste, também marca como saliente um dos grandes rumos discursivos do todo do texto em que se inscreve.

3.3.2. O exemplo seguinte é constituído por um segmento discursivo que surge na sequência (não imediata) do extracto analisado acima, em 3.1.3.2.:

- (11) – «Gonçalvistas» é um epíteto que VG [Vasco Gonçalves] rejeita com veemência. Prefere falar do que chama «a esquerda militar, de que eu fazia parte», «aquela que, em meu entender, era a esquerda mais coerente e consequente», mais «esclarecida» e «consciente». A esquerda, note-se – não *uma* esquerda. Como fala de «o caminho

³⁷ Ver, acima, a Nota 20.

para o socialismo» – *como se não houvesse outros caminhos e mais que um modelo*. Compreende-se, pois, que deplora que nas Forças Armadas não existisse «uma unidade de pensamento e (...) muito menos de comando».

(J. Pedro Castanheira, «O retrato inacabado de um general marxista», in «Expresso»/«Revista», 01 de Novembro de 2002)

A comparativa condicional – aqui vazada em *como se não p*, e destacada por travessão – apresenta também as propriedades típicas das comparativas condicionais que vêm sendo analisadas, e congrega-se no todo do texto de que faz parte com outros elementos de crítica/refutação, com destaque para os que, em momento anterior³⁸, são carreados pela tripla ocorrência de *como se p* independente (do subtipo I), actualizada, sucessivamente, em estreita contiguidade, nos moldes *como se não p*, *como se p e*, de novo, *como se não p*. Esta recorrência de *como se p* marca bem, só por si, a tonalidade de crítica/refutação que se reconhece no texto em referência.

3.3.3. Em (12), o movimento argumentativo, de ordem refutativa, recortado em *como se p* é ampliado ou mesmo reforçado não apenas pelo segmento (tendencialmente redundante – e até, imediatamente, tautológico –, mas não irrelevante na ordem argumentativa)³⁹ «Não é», como ainda com a convocação explícita (em «Pelo contrário») da contrária/contraditória da tese a que o Loc replica:

(12) – «Vivemos hoje em regime de separação das Igrejas e do Estado. Este regime tem sentido porque historicamente se fez a experiência de uma confusão entre os dois poderes. As mais das vezes, com domínio do poder político, instrumentalizando a Igreja (que quase sempre consentiu e tirou disso partido): foi o regalismo. Outras vezes, mais raras, com influência temporal desmedida da Igreja sobre a sociedade e o poder político: foi o clericalismo. Hoje ninguém deseja renovar qualquer dessas experiências. Já basta. Não obstante, o regime de separação não pode ser um regime de hostilidade contra a Igreja, *como se ela fosse um corpo estranho, anómalo ou prejudicial na sociedade civil. Não é. Pelo contrário.*»

(Mário Pinto, «Crise de Sociedade, Crise de Civilização (2)», in «Público», 14 de Maio de 2001)

É aqui muito vincado o desenho de uma *sequência discursiva*, habitada, como vimos, por um movimento argumentativo de refutação, que é fechado por um momento complementar de rectificação. E mais uma vez, aqui – como é, de resto, habitual, de acordo com os comentários que já produzi acima –, o

³⁸ Ver, acima, 3.1.3.2. (exemplo (7)).

³⁹ Ver, acima, 3.1.1.

Loc não cuida de juntar a fundamentação da sua posição: joga, em pleno, com o que toma como evidências partilhadas, o que lhe permite mesmo mostrar-se tão peremptório, como a sequência dos termos (destacados tanto pela sua brevidade quanto pelo seu formato sintáctico) «Não é. Pelo contrário.» torna patente – sendo que a última expressão, pelo seu semantismo forte de *inversor* ou de marcador discursivo de *inversão argumentativa* (em conjugação com a negação polémica/refutativa actuante em «Não é», a que de imediato segue), introduz, implícita mas efectivamente, no discurso os contrários/antónimos dos predicados «estranho», «anómalo» e «prejudicial», no que justamente se consuma uma marcada rectificação/correção. Como se nota, também aqui, como noutros casos já analisados, o Loc recorre (em p) à referenciação de uma situação extrema⁴⁰ – capturada em «corpo estranho, anómalo ou prejudicial» – com a qual intende *des-legitimar*, anulando-a e desqualificando-a de modo definitivo, a tese contraditada (a saber, a identificação do «regime de separação» entre a Igreja e o Estado com «um regime de hostilidade contra a Igreja»), que convoca como disponibilizada no, e pelo, discurso a que se opõe. É claro que o recurso a esta situação extrema – que, note-se bem, o Loc toma como *implicitada* na voz a que replica, onde é dada como operando como segmento de índole justificativa – é também factor decisivo na utilização da tonalidade fortemente asseverativa que acima foquei.

3.3.4. Vejamos ainda um outro exemplo, em que se molda uma *sequência dialogal*:

- (13) – «E como Ega permanecia mudo, a um canto do sofá, com os olhos no chão:
 – Dize alguma coisa – gritou-lhe Carlos. – Duvida também, homem, duvida comigo!...
 É extraordinário! Todos vocês acreditam, *como se isto fosse a coisa mais natural do mundo, e não houvesse por essa cidade fora senão irmãos a dormir juntos!*
 Ega murmurou:
 – Já ia sucedendo um caso assim, lá ao pé da quinta, em Celorico...».
 (Eça de Queirós, *Os Maias*: 643)

O funcionamento discursivo de *como se p* – aqui, mais exactamente, dobrado em duas ocorrências, em coordenação aditiva, *como se p e como se não p* – é inteiramente similar ao que apresenta nos casos antes analisados⁴¹. Nestas comparativas condicionais ficam vazados não apenas o espanto (de

⁴⁰ Ver, acima, a Nota 20.

⁴¹ Anoto que esta é a única ocorrência em *Os Maias* de uma comparativa condicional do subtipo I – actualizada, de resto, não como sintacticamente independente, mas como adjunto de frase.

resto já assinalado em «É extraordinário!»), mas também, e sobretudo, a crítica/censura indignada que, desesperadamente, Carlos dirige aos amigos (Cf. «Todos vocês») – apoiado no que acredita (deseja acreditar) ser uma evidência partilhada (a falsidade de *p*: «isto fosse a coisa mais natural do mundo», e de *não p*: «não houvesse por essa cidade fora senão irmãos a dormir juntos»).

Mas este fragmento serve ainda para ilustrar um encadeamento do tipo de *contra-réplica* que a intervenção de Carlos suscita da parte de Ega, seu interlocutor do momento. Com essa *contra-réplica* – que Ega arrisca avançar, timidamente (Cf. «murmurou»), em contraste com os gritos de Carlos (Cf. «gritou-lhe Carlos»), que o convoca ansiosamente a vir em seu apoio, ainda que seja pela expressão de uma dúvida (Cf. «Duvida também, homem, duvida comigo!...») – é contraditada / infirmada / anulada a posição que Carlos vaza em *como se p e como se não p*, que, em bloco, funcionam, como sabemos, como *réplica* às vozes congregadas em «Todos vocês acreditam». É claro que esta infirmação / anulação do que fica contido em *como se p e como se não p* traz consigo a impossibilidade em que Ega se vê de “não acreditar” e mesmo de nem sequer “duvidar”.

Encontramos aqui recortada uma *sequência discursiva*, que reúne e integra as intervenções dos dois actantes do discurso e se edifica, de modo básico, sobre, ou a partir de, *como se p e como se não p* – o que atesta bem a centralidade que estas comparativas condicionais obtêm no trecho. E, precisamente, a intervenção, tímida, de Ega surge como *encadeamento não preferido*, pois se opõe, contrariando-a (embora pela referenciação da mera iminência da ocorrência «lá ao pé da quinta, em Celorico» de «um caso assim»), à posição de Carlos – ao mesmo tempo que revela, como atrás escrevi, a impossibilidade, dolorosa, em que Ega se vê de corresponder pela positiva (produzindo o que constituiria uma *sequência preferida*) ao apelo angustiado do amigo.

3.3.5. Os exemplos e os comentários propostos nos números imediatamente anteriores tornam visível que as comparativas condicionais em foco transportam por inteiro para o texto as dimensões interactivas-dialógicas, e os efeitos a elas agregados, que ficaram resenhadas nos vários números de 3.1.4.

3.4. Como deixei sumariamente registado em 3., há que reconhecer, na área das comparativas condicionais independentes, um segundo subtipo – subtipo II –, que apresenta propriedades semântico-pragmáticas bem diferenciadas das que vimos operar na configuração e no funcionamento discursivo das anteriormente analisadas⁴².

⁴² Ver Fonseca, J., 2003.

Forneço, de imediato, três exemplos – o primeiro dos quais retoma o que avancei, sob o número (2), em 3.:

- (14) – «Começa a chover. Isto é, se não estava a chover antes. As luzes das lojas e dos candeeiros parecem novinhas em folha. *Como se estivessem a brilhar. Como se fossem estrelas ou outras coisas que não há.*» (CRPC).
- (15) – «Maria Luísa olha quase vagamente e não fixa a vista ou o pensamento nisto ou naquilo. *Como se ainda não tivesse acordado completamente.*» (CRPC)
- (16) – «– Ora sirva-se desse fricassé, ande, abade – disse Afonso – que eu sei que é o seu fraco, e deixe lá o latim...
O abade obedeceu com deleite; e escolhendo no molho rico os bons pedaços de ave, ia murmurando:
– Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá... É a base; é a basezinha!
– Não! Latim mais tarde! – exclamou o Brown, com um gesto possante. – Primeiro forrça! Forrça! Músculo...
E repetiu, duas vezes, agitando os formidáveis punhos:
– Primeiro músculo, músculo!...
Afonso apoiava-o, gravemente. O Brown estava na verdade. O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios de uma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do universo em que vive...
– Mas enfim os clássicos – arriscou timidamente o abade.
– Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo de uma grande superioridade física. *Tal qual como se não tivesse alma.* A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...
O abade coçava a cabeça, com o ar arrepiado.»
(Eça de Queirós, *Os Maias*: 63)

As comparativas condicionais independentes do subtipo II constituem, no essencial, *variantes estilísticas* das comparativas condicionais termo (habitualmente, extranuclear, periférico/marginal) de frase: por opção do Loc, em ordem à realização de efeitos expressivo-estilísticos, elas são projectadas em separado, como sintacticamente independentes⁴³. Obtêm, assim, de imediato uma assinalável saliência, e um vincado efeito de *focagem*.

⁴³ Não está excluída a possibilidade de na opção do Loc pesarem, até de modo decisivo, constrangimentos sintácticos. Ver o caso contido no exemplo (17), introduzido mais abaixo, em 3.4.3.

3.4.1. Importa salientar que estas comparativas condicionais funcionam basicamente como *adjectivação* do termo a que se aplicam, a que juntam habitualmente uma qualificação que, em função do mundo construído em *se p*, se revela portadora de uma tonalidade mais ou menos intensiva⁴⁴. Neste quadro – e interessa também realçá-lo adequadamente –, o mundo virtual construído em *se p* (por obra do semantismo do *operador epistémico de virtualidade* que é o conector *se* – e também do conjuntivo actualizado em *p*)⁴⁵ não está, como nos casos antes considerados, ao serviço da realização de um movimento opoente a um outro discurso ou segmento de discurso. Esse mundo virtual (desenhado agora ou como potencial ou como contrafactual – ou mesmo impossível) está (quase) regularmente ao serviço da ênfase (que é reforçada no caso do contrafactual, e ainda mais no do impossível) ou da expansão, igualmente encarecedora, de um termo ou de um segmento (logo, em consonância, e não em dissonância, com ele) – sendo ainda que o processo comparativo marcado em *como se* direcciona igualmente para essa ênfase ou esse encarecimento⁴⁶.

Acrescem ainda dois outros aspectos, também a sublinhar devidamente: a tonalidade mais ou menos acentuadamente intensiva, a que acima me referi, que a adjectivação carregada por *como se p* traz à caracterização do que se contém no segmento a que se aplica atinge o seu ponto mais alto no caso da referenciação (que aqui, como no domínio das comparativas condicionais independentes do subtipo I, antes estudadas, também se verifica) de situações extremas ou de marcada intensidade, tipicamente operantes, como já deixei registado, em *comparações emblemáticas*; por outro lado, não raro a comparativa condicional constitui-se em *expressão metafórica*, pois que o mundo capturado em *se p* representa a convocação de estados de coisas por via dos quais se alcança uma mais ajustada ou plena apreensão cognitiva das situações que *como se p* qualifica – apreensão essa que se dá na base da associação de domínios de experiência de natureza diversa dos que preenchem aquelas situações. Trata-se, então, de construir uma dada situação em termos ou através de uma outra, vazada em *como se p* – habitualmente de índole mais concreta ou

⁴⁴ Idêntica situação é a que (quase regularmente) se verifica nas ocorrências de *como se p* como termo periférico/adjunto de frase – de que, como já assinalai, estas comparativas condicionais independentes são variantes estilísticas. Ver, mais abaixo, 4.. Convém, entretanto, anotar que nem sempre a modificação do termo a que *como se p*, elemento periférico de frase, se aplica se revela constituir caracterização intensiva do estado de coisas capturado nesse termo: é precisamente o que acontece nos exemplos (18) e (19), a analisar em 4.1.

⁴⁵ Ver Fonseca, J., 2003.

⁴⁶ Verifica-se, pois, que o processo comparativo aqui configurado é marcadamente diverso do que tem lugar nas comparativas condicionais (do subtipo I) consideradas antes.

mais familiar, que, como domínio fonte, é endossado (e não apenas justaposto), como compósito estereotipado de representações, àquele outro, tornado, assim, domínio alvo⁴⁷. Por outras palavras: *como se p* transporta regularmente uma *assimilação comparativa* (envolvendo muitas vezes situações extremas ou ‘emblemáticas’), e, não raro, alberga também uma *assimilação metafórica*.

3.4.2. Os aspectos focados estão claramente presentes nos exemplos (14), (15) e (16), acima fornecidos. Deixando de lado os dois primeiros, dada a sua brevidade, e considerando mais de perto (16), verificamos que o envolvimento ou participação de *como se p* na construção do sentido do trecho se prolonga ainda e se matiza por outros caminhos⁴⁸. É aí visível que a comparativa condicional serve para expandir, com ênfase, e num movimento de especificação, o eixo semântico atinente à ‘força física’, tão decididamente proclamada por Afonso da Maia (na sequência, e em aprovação ou suporte, das exuberantes referências feitas por Brown) como objectivo prioritário de «Toda a educação sensata» a proporcionar na adolescência. A definição de tal objectivo é feita de modo concentrado e exemplar em «desenvolver exclusivamente o animal», segmento que convoca, se não a exclusão, pelo menos a marginalização, ainda que a termo, da «alma»: a comparativa condicional explícita, então, essa ‘proposta’ – e fá-lo de modo enfático, também através do intensificador da comparação «Tal qual» –, ao mesmo tempo que introduz um novo objecto de discurso (justamente «alma»), reunido por associação e ao mesmo tempo por antonímia a «animal», configurando-se, assim, com grande coesão, um complexo ou agregado de sentido que articula os domínios ‘físico’ e ‘espiritual’. Aquele novo objecto de discurso vem, na sequência imediata, a ser *tematizado* com insistência: «A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...». Por outro lado, esse complexo ou agregado de sentido (em que se integra aquele objecto de discurso – «alma») conhece, de seguida, e ao longo de algumas páginas (p. 63-69), um alargado e matizado desenvolvimento no âmbito de uma controvérsia sobre projectos educativos (que envolve várias personagens e diferentes quadros) que o narrador nos faz presente, plena de vivacidade.

⁴⁷ Ver também, mais adiante, 4.2. (e, de modo mais imediato, 4.2.1.). Sobre a concepção, cognitivista, da metáfora, a que aludo, ver Vilela, M., 2002, e as referências bibliográficas aí contidas. Estas mesmas referências valem para a noção de *metáfora conceptual*, que mais adiante, e por diversas vezes, convocarei.

⁴⁸ Convém anotar que no exemplo (16) está contida a única ocorrência em *Os Maias* de uma comparativa condicional independente do subtipo II.

A comparativa condicional de que nos ocupamos abre, pois, um trilho saliente no discurso, em que se congregam segmentos (precedentes e subsequentes a *como se p*) extensos e diversificados.

3.4.3. Passemos a outro exemplo: em (17), verificamos a ocorrência de várias comparativas condicionais, e entre elas, duas comparativas condicionais independentes do subtipo II, que, como habitualmente, destaco com itálico:

(17) – «Talvez nada haja de mais agudamente doloroso do que o sentimento que por vezes nos assalta de que aquilo que acontece apenas acontece porque não podia deixar de acontecer, segundo uma regra cuja inexorabilidade escapa à nossa capacidade de entendermos: essa é a experiência do irreversível, em que nenhum mal, ou defeito, existe nas coisas senão a evidência impiedosa de elas serem assim.

Mas nada existirá mais insidiosamente triste do que assistirmos a essa forma de o tempo nos dizer que o que não aconteceu jamais poderá vir a acontecer: foi apenas por não ter sido. E é precisamente dessa interminável despedida que se trata num filme como «In the Mood for Love», de Wong Kar-Wai, que se estreia agora em Portugal. «Disponível para o amor», é o que diz a tradução do título. Mas não creio que acerte. Não direi que está (ela – ou ele?) disponível para o amor, como se o amor viesse depois, nem sequer voltada (voltados) para o amor que poderá vir, mas deslizando (os dois, geometricamente separados), lentamente, para dentro do amor, como se o amor tivesse corredores, portas, vozes do outro lado da parede, chuva lá fora, mesas com comida, néons, luzes violentas, imagens calcinadas, escadas, respirações suspensas, como se o amor fosse o dentro de um dentro que apenas se torna visível na superfície muda das coisas, na beleza siderante dos vestidos, na brancura austera das camisas, nas unhas geladas, no fumo dos cigarros, na melancolia absorta das vozes.

E este dentro tivesse a cadência, passo a passo, de uma repetição infinita, a dimensão espectral de um não-acontecer que todos os dias acontece, a amargura de uma distância entre aqueles que talvez se amem (os ausentes, o outro, a outra) e aqueles que tombam silenciosa e cerimonialmente na sedução esplendorosa de um jogo infinito. Como se diz numa ode de Píndaro, «de entre aquelas coisas que aconteceram (situações criadas, situações em que caímos), umas dentro dos eixos do que é justo, outras fora desses eixos, nada pode ser desfeito: nem sequer o tempo, pai de todas as coisas que são, é capaz de pôr termo às suas consequências». Se há uma espécie de apatia soberana nos dois amantes imobilizados de «In the Mood for Love», ela corresponde a essa consciência excessiva de que nada, absolutamente nada, pode ser desfeito, e de que no entanto há uma beleza trémula no interior desse fazer adiado, uma beleza comovedora, terrível, convulsiva, uma beleza que não se explica, mas se dá, ou partilha, ou cicia, ou segreda.

Como se desde sempre tudo fosse amor – ou cinema.»

(E. Prado Coelho, «Ou cinema», in «Público», 06 de Abril de 2001)

3.4.3.1. A primeira das duas comparativas condicionais independentes (subtipo II) surge, em início de parágrafo, onde é introduzida pelo conector aditivo «E». Importa anotar que ela aparece como desdobramento da compa-

rativa condicional adjunto de frase com que remata o parágrafo anterior – onde, de resto, essa mesma comparativa condicional se articula com uma outra (com o mesmo estatuto de adjunto)⁴⁹, que a precede (Cf. a sequência «mas deslizando (os dois, geometricamente separados), lentamente, para dentro do amor, *como se* o amor tivesse corredores, portas, vozes do outro lado da parede, chuva lá fora, mesas com comida, néons, luzes violentas, imagens calcinadas, escadas, respirações suspensas, *como se* o amor fosse o dentro de um dentro que apenas se torna visível na superfície muda das coisas, na beleza siderante dos vestidos, na brancura austera das camisas, nas unhas geladas, no fumo dos cigarros, na melancolia absorta das vozes.»). Nesse desdobramento intervêm, sem dúvida, constrangimentos sintácticos, ligados à significativa extensão dessas mesmas duas comparativas condicionais congregadas/coordenadas como adjuntos num mesmo enunciado.

Interessa observar que a segunda destas duas comparativas condicionais e ainda a seguinte (actualizada como independente e introduzida pelo conector aditivo «E») se revelam como sucessivas extensões, com carácter de *reformulação* (claramente, *não parafrástica*)⁵⁰, da primeira («como se o amor tivesse corredores...») – sendo que através dessas extensões/reformulações o Loc traz acréscimos comunicativo-expressivos vinculados (de resto, ampliados pelo teor metafórico dos respectivos conteúdos). Importa ainda mencionar que esses acréscimos comunicativo-expressivos estão também orientados para a sustentação da posição do Loc revelada no segmento a que as comparativas condicionais se aplicam – pelo que nelas se reconhece também um teor, metadiscursivo, de *justificação*.

3.4.3.2. A segunda comparativa condicional independente do mesmo sub-tipo II surge no final do texto («*Como se desde sempre tudo fosse amor – ou cinema.*») e aplica-se imediatamente sobre todo o segmento iniciado com a pseudo-condicional «Se há uma espécie de apatia soberana nos dois amantes imobilizados de “In the Mood for Love”...». Devo realçar devidamente que este tipo de pseudo-condicional constitui um expediente retórico para a realização de uma asserção forte, e, tipicamente (como no caso em apreço), conduz à concretização de um valor de teor *identificativo* entre dois termos, aqui assinalado em «corresponde» (que introduz o segundo desses mesmos termos); observo que no todo do segmento assim desenhado, fica configurado

⁴⁹ Estes adjuntos inscrevem-se também (como as comparativas condicionais independentes do sub-tipo II) no domínio da adjectivação. Ver, adiante, 4. (e também, acima, a Nota 44).

⁵⁰ Ver Fonseca, J., 1992b. Ver também mais adiante.

um momento central na construção do sentido global do texto – que com tal segmento se encaminha para o seu remate.

A observação que acabei de avançar torna de imediato legítimo defender que a comparativa condicional em referência se aplica, em boa verdade, sobre a totalidade do texto – o que sustentarei ainda na base de elementos que se prendem com alguns dos comentários a formular já de seguida.

A independência sintáctica desta comparativa condicional configura, de imediato, um efeito de *focagem*, que é largamente ampliado pela circunstância de *como se p* constituir o *fecho* do texto – *lugar textual/discursivo*, sempre, de grande relevo e significado. Acresce que este remate, estrategicamente breve (e destacado como parágrafo) e ainda, como antes anotei, imediatamente incidente sobre um segmento central do texto, institui, de modo explícito e, sobretudo, tão condensado quanto penetrante, a orientação discursiva dominante do todo textual/discursivo – que precisamente se direcciona para o reconhecimento de uma perfeita, e desenhada «desde sempre» (expressão que convoca um passado primordial, que o cinema, na visão do Autor, tenderia a incorporar, recriando-o), equivalência / identificação / simbiose (marcada em «ou») entre cinema / vida / amor (ou vida / amor / cinema ou amor / vida / / cinema ou amor / cinema / vida...). Não é, assim, também por acaso, antes discursivamente motivado, que a expressão que fecha o texto (onde, de resto, aparece destacada também por travessão: «- ou cinema») surja como título (ou inversamente) – outro *lugar textual-discursivo* estratégico; deste modo, ele é posto em diálogo ou em eco com o fecho (e inversamente), ambos se intensificando reciprocamente nos efeitos de sentido, nos matizes expressivos e também, como acentuei, no desenho do veio correspondente à orientação discursiva central do todo. Vista neste quadro global, esta última comparativa condicional surge mesmo como *reformulação (não parafrástica)*⁵¹ de todo o texto, de que aponta o rumo predominante – pelo que é particularmente destacada e efectiva a sua capacidade ‘formativa’ de textualidade.

3.4.3.3. Mas há ainda um outro traço que especificamente alarga a capacidade ‘formativa’ de textualidade das comparativas condicionais presentes no texto – ou, mais exactamente, das duas últimas do primeiro parágrafo e da primeira do parágrafo seguinte. Esse traço é mesmo deveras operante no texto: é que essas três comparativas condicionais, que ocorrem em apertada contiguidade, engendram um vincado efeito de ficcionalidade, de recorte de um mundo virtual chamado como comparante (por força do conector *como*) para a carac-

⁵¹ Ver, de novo, Fonseca, J., 1992b.

terização de situações (elas mesmas ficcionais/virtuais, pois são referidas a um filme, objecto de comentário e, em certa medida, de glosa) – ou, mais rigorosamente, para, em sintonia com esse mesmo filme, uma outra/mais plena apreensão cognitiva dessas situações (no que decididamente está envolvido o teor metafórico⁵² dos conteúdos das comparativas condicionais em foco).

Há que sublinhar que estamos aqui perante uma situação singularmente marcada: o comentário proposto mostra que estas ocorrências de *como se p* estão também afectadas a um modo de funcionamento particular, que se projecta num plano específico da construção do texto e do seu sentido⁵³.

3.4.3.4. Quero, entretanto, prolongar a análise do texto em foco com uma referência a uma outra comparativa condicional nele inscrita. Trata-se do segmento «*como se o amor viesse depois*», presente no primeiro parágrafo. Esta comparativa condicional está actualizada como adjunto de frase, mas integra-se plenamente no subtipo analisado acima, em 3.1.6., que, como se viu, converge com o subtipo I das comparativas condicionais independentes. Interessa-me retomá-la aqui, também para destacar a sua participação na configuração de textualidade.

A comparativa condicional em foco – que apresenta um claro teor parentético – carrega um comentário (metadiscursivo) em que o Loc manifesta *discordância* sobre o emprego, que considera inadequado, do predicado «disponível» (em «disponível para o amor») na tradução do título do filme referenciado: esse predicado contém na sua configuração sémica o traço /+ *perspectiva de futuro*, a que se agrega este outro, de natureza modal, e de cariz negativo: /+ *incerteza*, e recorta um intervalo de tempo a vir, não especificamente delimitado, em que se poderá consumir ou não o objecto (introduzido pelo relator «para») a que se aplica a ‘disponibilidade’. Justamente, «como se o amor viesse depois» problematiza e invalida mesmo (por força, como sabemos já, da contrafactualidade que marca esta comparativa condicional) essa perspectiva – ao mesmo tempo que disponibiliza, por implicação, a contrária / contraditória (“o amor não viria/vem/virá depois”). Aquela problematização / invalidação está, de resto, já antes, duplamente anunciada – nos contíguos «Mas não creio que acerte.» e «Não direi...», marcados por negação explícita, realizando a segunda uma negação ilocutória. Observo ainda que *como se p* apresenta também uma índole de *justificação*, precisamente aplicada sobre essas negações.

A sequência imediata do discurso expande o eixo central de *discordância* acabado de referenciar – insistindo na inadequação da mencionada ‘perspec-

⁵² Ver, uma vez mais, a Nota 47 e o segmento da exposição a que respeita.

⁵³ Ver, acima, 1.3.1. Ver também a referência de uma situação similar em 4.2.3.

tiva de futuro' e do seu correlato 'incerteza'. E introduz uma *rectificação/correção* (marcada em «mas»), que recorta, de modo sucessivamente mais próximo, a visão do Loc, para quem a matizada, e singular, experiência retratada no filme é (já), em pleno, (o) amor.

O que assinalo nos dois parágrafos precedentes dá bem conta do envolvimento desta comparativa condicional no desenho de textualidade – sobretudo porque o comentário crítico, discordante, que nela se compendia anuncia ou torna fortemente expectável a visão do Loc a que acabo de me referir, que se afirma de modo definitivo na sequência do texto.

Mas há ainda um outro aspecto não menos relevante nessa mesma esfera: é que nessa comparativa condicional se contém também uma *crítica/censura* (algo suave ou branda – sem dúvida, benevolente –, mas efectiva) dirigida, por *implícitação*, aos que (a começar, por certo, pelos autores da tradução do título do filme), inadvertidamente crêem que (no filme/na vida...) “o amor viria/vem/virá depois” – sendo que dessa crítica/censura se desprende, por derivação ilocutória, um apelo ou incitamento ao abandono e à rectificação ou correção dessa crença. Os elementos disponibilizados no desenvolvimento do texto sustentam bem quer essa crítica/censura quer esse incitamento à rectificação/correção, entrosando-se de modo adequado na configuração de um todo consistente.

4. Os casos analisados ao longo dos números precedentes dão suficiente conta das virtualidades 'formativas' de textualidade que as comparativas condicionais independentes do subtipos I (ê afins) e do subtipo II detêm de modo particularmente marcado – de tal forma que a caracterização dessa construção como recurso inscrito no sistema da língua não pode ignorar essa sua inerente condição para o pré-desenho de estruturas, de unidades fortemente coesas ou de sequências textuais/discursivas.

Pretendo agora, e de acordo com o esquematizado acima, em 2., passar à análise de outros aspectos dessas mesmas virtualidades «text-forming» das comparativas condicionais servindo-me de exemplos extraídos de *Os Maias* – e considerando quase exclusivamente a construção actualizada como termo periférico – adjunto – de frase (excluindo, naturalmente, situações do tipo já antes examinado, em 3.3.)⁵⁴.

⁵⁴ Como deixei registado na Nota 15, são particularmente abundantes em *Os Maias* as ocorrências de comparativas condicionais (oitenta e três). O subtipo agora em foco é, sem dúvida, o que mais recorrentemente ocorre. Como oportunamente anotei, nesse romance apenas se encontra uma ocorrência de comparativa condicional do subtipo I – actualizada, no entanto, como ajunto de frase (Cf. o exemplo (12) em 3.3.3.) e também apenas uma do subtipo II (Cf. o exemplo (16) em 3.4.).

4.1. Começo por introduzir os fragmentos (18) e (19)⁵⁵:

(18) – «[Afonso] Ficou a olhá-lo [o neto, Carlos] muito tempo, como procurando nele os sinais da sua raça: depois tomou-lhe na sua as duas mãozinhas vermelhas que não largavam o guiso, e muito grave, *como se a criança o percebesse*, disse-lhe:

– Olha bem para mim. Eu sou o avô. É necessário amar o avô!

E àquela forte voz, o pequeno, *com efeito*, abriu os seus lindos olhos para ele, sérios de repente, muito fixos, sem medo das barbas grisalhas: depois rompeu a pular-lhe nos braços, desprende a mãozinha, e martelou-lhe furiosamente a cabeça com o guizo.»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 46-47)

(19) – «Três semanas depois, por uma tarde quente, com um céu triste de trovoadas, e no momento em que estavam caindo algumas gotas grossas de chuva – Carlos apeava-se de um *coupé* de praça, que viera parar, devagar, à esquina da Patriarcal, com os estores verdes misteriosamente corridos. Dois sujeitos que passavam sorriram-se, *como se o vissem escoar-se desjeitosamente de uma portinha suspeita*. E *com efeito* a velha traquitana de rodas amarelas acabava de ser uma alcova de amor, perfumada de verbena, durante as duas horas que Carlos rolara dentro dela, pela estrada de Queluz, com a senhora condessa de Gouvarinho.»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 300)

O que mais quero salientar nestes dois casos é a construção, que em cada um deles se dá, de um espaço textual/discursivo de *validação ou invalidação*, edificado por *como se p* na base da sua natureza de recurso desenhador de virtualidade.

Em ambos os exemplos, a comparativa condicional apresenta um núcleo verbal actualizado no imperfeito do conjuntivo («percebesse», em (18), «vissem», em (19)). Esta forma verbal serve, nas condicionais, à configuração tanto de um valor potencial como de um valor contrafactual – tendendo, no entanto, mais para este. Pois bem: nos trechos em referência, o Loc (o narrador) joga, num primeiro momento, com esta ambivalência, para, num segundo momento, a desfazer, através de uma asserção enfatizada – assinalada, em ambos os trechos, pelo *operador de modalidade epistémica*, fortemente *asseverativa/confirmativa*, «com efeito» (que também sublinhei na transcrição dos referidos trechos) – asserção essa que exactamente recorta a *validação* definitiva do mundo virtual construído em *se p*.

É muito nítida nos segmentos transcritos a presença de um jogo discursivo, que lhes traz acentuado dinamismo; esse jogo/dinamismo – balizado, de um

⁵⁵ Anoto que nestes exemplos *como se p* releva ainda do domínio da adjectivação, em sentido lato (ver 3.4.1.), mas agora não orientada para a caracterização intensiva do denotado pelo segmento sobre que incide.

lado, pelo *operador de modalidade epistémica de virtualidade* (*se*, inscrito em *como se p*) e também pelo processo comparativo assinalado em *como*, *e*, do outro, pelo *operador de modalidade epistémica de teor asseverativo/confirmativo* («com efeito»), que responde especificamente ao primeiro – participa também no desenho de um efeito de unidade, de microssequência, que esses mesmos operadores, postos em apertada correlação e vizinhança, já por si, recortam.

Importa, entretanto, acrescentar que esse efeito de unidade ou de microssequência se origina também por outras vias – ainda largamente vinculadas a *como se p* –, que passo a indicar.

Em (18), «como se a criança o percebesse» harmoniza-se com a postura ou tonalidade «grave» adoptada por Afonso da Maia, a que o comportamento de «o pequeno», que valida o mundo virtual construído naquela comparativa condicional, responde directamente – numa interacção em que a centração sobre o olhar é significativa, desenhando também um segmento onde operam fortes laços de coesão: tal como o avô «ficou a olhá-lo muito tempo», também o neto – em sintonia com o apelo expresso em «Olha bem para mim» que Afonso lhe dirige – «abriu os seus lindos olhos para ele, sérios de repente, muito fixos, sem medo das barbas grisalhas».

A validação do mundo virtual recortado em *como se p* faz-se, em (19), através da referenciação de uma situação que, na economia e na lógica interna da narrativa, se apresenta como relevante no que toca ao desenvolvimento da secreta relação passional entre Carlos e a condessa de Gouvarinho. E precisamente a comparativa condicional serve também para a introdução, e, ao mesmo tempo, para a caracterização (Cf. «uma portinha suspeita»), desta situação como objecto de discurso, que oportunamente virá a ser *tematizado*. Neste particular, *como se p* como que antecipa o que o segmento imediato, de cariz confirmativo – marcado, como registei, em «com efeito» – referencia.

4.2. Como seria de esperar, o papel de elementos microestruturais na configuração – macroestrutural ou sequencial – do texto situa-se também na ordem mais directamente ligada à construção do(s) mundo(s) referencial(ais) que o preenchem.

Tal acontece também, como não poderia deixar de ser – e como, em particular, os trechos contidos no número anterior o ilustram já –, com a construção sintáctico-semântica do subtipo que nos vem ocupando; em *Os Maias*, a comparativa condicional em foco surge, na verdade, de modo recorrente na construção do mundo diegético, aí aparecendo como elemento «text-forming» ao introduzir e/ou caracterizar objectos de discurso que são retomados ou mesmo *tematizados* no desenvolvimento da narrativa, ao participar de modo

saliente no recorte de eixos semânticos relevantes, no desenho de personagens, de microssequências ou micro-unidades semântico-pragmáticas em que se projectam eventos, situações, ambientes.

4.2.1. Devo observar que em todos os casos a considerar agora a comparativa condicional surge inscrita em frase como termo que – como nos casos estudados em 3.4. – releva da *adjectivação*.

Por isso, têm aqui plena aplicação as observações que formulei em 3.4.1., respeitantes à caracterização do processo de adjectivação realizado em *como se p* – nomeadamente, a tonalidade intensiva da modificação nela veiculada. Ficaram aí também especificadas as fontes ou as vias de engendramento dessa tonalidade intensiva – com destaque para a referenciação de situações extremas ou ‘emblemáticas’ e de estados de coisas associados, em registo metafórico⁵⁶, aos que são alvo de caracterização. Esta associação traz ao segmento do discurso em que opera a articulação de domínios de experiência de índole diversa – apresentando-se como as mais correntes situações do foro psicológico / afectivo / emocional / passional, que são caracterizadas mais a fundo (que são cognitivamente configuradas de modo mais pleno e ajustado) pela via da convocação em *como se p* de estados de coisas do domínio concreto ou da experiência de vida do quotidiano – que, de resto, se ligam àquelas situações também por um nexu de índole causal (correspondente à condicionalidade marcada em *se*)⁵⁷.

4.2.2. Vejamos, em primeiro lugar, os trechos (20) e (21):

(20) – «O dia famoso da *soirée* dos Cohens, ao fim dessa semana tão luminosa e tão doce, amanheceu enevoado e triste. Carlos, abrindo cedo a janela sobre o jardim, vira um céu baixo que pesava *como se fosse feito de algodão em rama enxovalhado*: o arvoredo tinha um tom arrepiado e húmido; ao longe o rio estava turvo, e no ar mole errava um hálito morno de sudoeste. Decidira não sair – e desde as nove horas, sentado à banca [...], tentava trabalhar: mas, apesar de duas chávenas de café, de *cigarettes* sem fim, o cérebro, como o céu fora, conservava-se nessa manhã afogado em névoas.»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 252)

(21) – « Mas Carlos vinha de lá [tipóia de praça] enervado, amolecido, sentindo já na alma os primeiros bocejos da saciedade. Havia três semanas apenas que aqueles braços

⁵⁶ Ver as anotações contidas em 3.4.1.

⁵⁷ Ver Fonseca, J., 2003. Como oportunamente assinalarei, muitas vezes esta dimensão de causalidade adquire uma saliência significativa, afirmando-se com uma feição de justificação/explicação do que se contém no segmento a que *como se p* se aplica.

perfumados de verbena se tinham atirado ao seu pescoço – e agora, pelo passeio de S. Pedro de Alcântara, sob o ligeiro chuveiro que batia as folhagens da alameda, ele ia pensando como se poderia desembaraçar da sua tenacidade, do seu ardor, do seu peso... É que a condessa ia-se tornando absurda com aquela determinação ansiosa e audaz de invadir toda a sua vida, tomar nela o lugar mais largo e mais profundo – *como se o primeiro beijo trocado tivesse unido não só os lábios de ambos um momento, mas os seus destinos também e para sempre*. Nessa tarde lá tinham voltado as palavras que ela balbuciava, caída sobre o seu peito, com os olhos afogados numa ternura suplicante: «Se tu quisesses! Que felizes que seríamos! Que vida adorável! ambos sós!...». E isto era claro – a condessa concebera a ideia extravagante de fugir com ele, ir viver num sonho eterno de amor lírico, nalgum canto do mundo, o mais longe possível da rua de S. Marçal! «Se tu quisesses!» Não, com mil demónios, não queria fugir com a senhora condessa de Gouvarinho!...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 301-2)

Em (20), a comparativa condicional retoma e expande a qualificação aplicada ao dia nascente pelos predicados «enevoado» e «triste», sendo que o sinal gráfico («:») que a segue introduz a explicitação do eixo sobre que assenta o processo comparativo, circunscrevendo, como um filtro, as referências accionáveis a partir da convocação de «algodão em rama enxovalhado». Este eixo – que, como se viu, arranca já em «enevoado e triste», e que aglutina dados sensoriais de índole diversa (tácteis, visuais, olfactivas) – não é irrelevante no âmbito da sequência descritiva em que se inscreve; na verdade, ele é também ponto de referência para a introdução de circunstâncias indutoras do comportamento de Carlos, logo a seguir apresentado: «Decidira não sair» e, desde cedo «sentado à banca», «tentava trabalhár». Esta tentativa de se aplicar ao trabalho não é, porém, coroada de êxito – pois que (e o trecho retoma aquele mesmo eixo semântico, agora numa perspectiva metafórica) «o cérebro, como o céu fora, conservava-se nessa manhã afogado em névoas». A sequência descritiva em que *como se p* intervém abre-se, pois, a dimensões de cariz narrativo, que se desenvolvem e matizam na continuação do texto.

Em (21), é retratado um momento da fugaz relação amorosa entre Carlos e a condessa de Gouvarinho, momento marcado pelos «primeiros bocejos da saciedade» sentida por Carlos, que o leva a pensar «como se poderia desembaraçar» da condessa («da sua tenacidade, do seu ardor, do seu peso»), que se vinha mostrando «com aquela determinação ansiosa e audaz de invadir toda a sua vida, tomar nela o lugar mais largo e mais profundo». A comparativa condicional introduz a referência de um movimento de aproximação, até à união/fusão plena – a que aspira a condessa –, que fizesse perdurar a experiência de «um momento» (de beijos trocados) num futuro sem limite temporal (Cf. «para sempre», em contraste com aquele contíguo «um momento») em que as suas vidas/«destinos» se cumprissem. A este movimento contrapõe-

se um outro – de direcção oposta: afastamento/separação –, que, recortado já em *como se p* (por obra da contrafactualidade que atinge o segmento da condicional introduzido por «mas»), vem a ser referenciado como decididamente assumido por Carlos, que rejeita «a ideia extravagante» architectada pela Gouvarinho de “fugirem” para com ele «ir viver num sonho eterno de amor lírico, nalgum canto do mundo, o mais longe possível da rua de S. Marçal» (Cf. «Não, com mil demónios, não queria» – em contraponto a «Se tu quisesse!» – «fugir com a senhora condessa de Gouvarinho!...»). A comparativa condicional em foco revela-se, deste modo, como pólo em torno do qual se organiza, em parte decisiva, o fragmento discursivo (21).

4.2.3. Nos exemplos (22)-(24), a comparativa condicional surge ao serviço da construção da figura de João da Ega – de um modo diferenciado.

Em (22), o narrador serve-se de *como se p* para acentuar a exuberância da personagem, num retrato marcado pelo dinamismo dos movimentos referenciados (em «gestos», «lançando-se pela sala», «luta constante», «caía», «procurava pelo peito, pelos ombros, pelos rins», «retorcendo-se, deslocando-se, como mordido por bichos»), em que «como se fosse voar» se integra:

- (22) – «Desembaraçado da majestade que lhe dava a peliça, o antigo Ega reaparecia, perorando com os seus gestos aduncos de Mefistófeles em *verve*, lançando-se pela sala *como se fosse voar ao vibrar as suas grandes frases*, numa luta constante com o monócolo, que lhe caía do olho, que ele procurava pelo peito, pelos ombros, pelos rins, retorcendo-se, deslocando-se, como mordido por bichos. Carlos animava-se também, a fria sala aquecia; discutiam o Naturalismo, Gambetta, o Niilismo; depois, com ferocidade e à uma, malharam sobre o país...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 110)

Em (23) e em (24), Ega é caracterizado através do discurso que o narrador põe na sua boca – discurso recheado, em momentos centrais, de «grandes frases» (como se lê em (22)); aqui, a comparativa condicional (que, em (24), é elemento nuclear da frase) serve bem, também pelo acentuado carácter metafórico⁵⁸ de que está revestida, ao desenho desse ‘estilo’:

- (23) – «Tomou-o de cima do bilhar, leu alto o trecho sobre o *boudoir* cor-de-rosa de Madame Cohen: «Respira-se ali (dizia o Ega) «alguma coisa de perfumado, íntimo e casto, *como se todo aquele cor-de-rosa exalasse de si o aroma que a rosa tem*»!
– Isto, caramba, é lindo em toda a parte! – exclamou o marquês. Tem muito talento, aquele diabo! Tomara eu ter o talento que ele tem!...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 213)

⁵⁸ Ver, acima, 3.4.1. e 4.2.1.

- (24) – «Então o amante da criatura interveio, ameaçadoramente. Era um polícia, um esteio da ordem: e deu a entender que lhe seria fácil provar como na Vila Balzac se passavam «coisas contra a Natureza», e que o pajem não era só para servir à mesa... Nauseado até à morte, Ega pactuou com a intrujice, largou cinco libras ao polícia. Quando nessa noite, uma noite triste de água, Carlos e Craft o acompanharam a Santa Apolónia, ele disse-lhes na carruagem estas palavras, triste resumo de um amor romântico:
– Sinto-me *como se a alma me tivesse caído a uma latrina!* Preciso um banho por dentro!»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 289-90)

Anoto que, em (24), o lapidar «triste resumo de um amor romântico» (como o narrador apresenta as palavras da sua personagem) utiliza uma comparativa condicional que vinca bem, até pela feliz expressão metafórica⁵⁹, a náusea profundamente sentida por Ega – ainda por cima amplificada pelo desconforto do comportamento a que se tinha deixado conduzir (Cf. «pactuou com a intrujice, largou cinco libras») face à ameaça do «amante da criatura» (que era, por ironia do destino, devidamente indiciada, «um polícia», logo apresentado como «um esteio da ordem»).

Convém juntar uma observação importante aos comentários formulados: é que, nos três casos considerados, *como se p* adquire um específico modo textual/discursivo de funcionamento, que precisamente lhe advém da circunstância de o narrador utilizar uma comparativa condicional (em (22)) e o recurso por parte da sua personagem (João da Ega) ao uso reiterado dessa mesma construção (em (23) e (24)) – em que, nas suas três ocorrências, se congregam uma assimilação comparativa e uma assimilação metafórica⁶⁰ – para projectar uma feição saliente e significativa (a exuberância, também traduzida pelo gosto por «grandes frases») da construção dessa mesma personagem. Tal revela – e importará sublinhá-lo – que o local/microestrutural é também, por obra da sua inscrição, ou, melhor, da sua intervenção na construção do global/macroestrutural, afectado a outros/novos modos de funcionamento⁶¹.

4.2.4. Como por diversas vezes deixei anotado, o processo comparativo contido na comparativa condicional utiliza frequentemente, em *p* (de *como se p*), a referenciação de situações extremas ou marcadas por propriedades de alta, ou mesmo paradigmática, intensidade – nele se recortando, deste modo, uma pronunciada orientação encarecedora, que tipicamente se reconhece nas *comparações emblemáticas*⁶².

⁵⁹ Ver, de novo, 3.4.1. e 4.2.1. e também o número imediatamente seguinte.

⁶⁰ Ver a Nota anterior.

⁶¹ Ver, acima, 1.3.1. e também 3.4.3.3.

⁶² Ver Fonseca, J., 1993a. Ver também Fonseca, J., 2003.

4.2.4.1. O fragmento a seguir apresentado contém (como também outros, já analisados ou a analisar) um caso deste tipo:

- (25) – «Diante do canapé das senhoras lá se achava também o fiel amigo, o doutor delegado, grave e digno homem, que havia cinco anos andava ponderando e meditando o casamento com a Silveira viúva, sem se decidir – contentando-se em comprar todos os anos mais meia dúzia de lençóis, ou uma peça mais de bretanha, para arredondar o bragal. Estas compras eram discutidas em casa das Silveiras, à braseira: e as alusões recatadas, mas inevitáveis, às duas fronzinhas, ao tamanho dos lençóis, aos cobertores de papa para os conchegos de Janeiro – em lugar de inflamar o magistrado, inquietavam-no. Nos dias seguintes aparecia preocupado – *como se a perspectiva da santa consumação do matrimónio lhe desse o arrepio de uma façanha a empreender, o ter de agarrar um toiro, ou nadar nos cachões do Douro*. Então, por qualquer razão especiosa, adia-se o casamento até ao S. Miguel seguinte. E aliviado, tranquilo, o respeitável doutor continuava a acompanhar as Silveiras a chás, festas de igreja ou pêsames, vestido de preto, afável, serviçal, sorrindo a D. Eugénia, não desejando mais prazeres que os dessa convivência paternal.»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 69-70)

O retrato que neste trecho é composto da figura do «doutor delegado» – e da sua relação com «a Silveira viúva» – resulta particularmente impressionante. A comparativa condicional – que expande, de modo pronunciadamente intensivo, o predicado «preocupado» (em «aparecia preocupado») – serve, como medida/comparante, a caracterização do desassossego ou da inquietação sobrevinda ao «grave e digno homem» face à «perspectiva da santa consumação do matrimónio», mas também, e na mesma proporção, a caracterização do alívio por ele sentido perante o adiamento do casamento, que permitiu ao «respeitável doutor» o regresso à sua tranquila e apagada rotina. Neste quadro, a comparativa condicional desempenha verdadeiramente um papel relevante de elemento de ligação ou mesmo de integração daquele duplo e antonímico movimento psicológico, que ao mesmo tempo qualifica, de inquietação/preocupação vs alívio/tranquilidade – e, por essa via, das restantes dimensões referenciadas no extracto.

4.2.4.2. Vejamos mais um exemplo:

- (26) – «Afonso da Maia já estava recolhido. Sequeira e Steinbroken tinham partido; e D. Diogo, no fundo da sua velha traquitana, lá fora também a tomar ainda gemada, a pôr ainda o emplastro, sob o olho solícito da Margarida, sua cozinheira e seu derradeiro amor. E os outros não tardaram a deixar o Ramalhete. Taveira, de novo sepultado na *ulster*, trotou até casa, uma vivendazinha perto com um bonito jardim. O marquês conseguiu levar Cruges no *coupé*, para lhe ir fazer música a casa, no órgão, até às três ou quatro horas, música religiosa e triste, que o fazia chorar, pensando nos

seus amores e comendo frango frio com fatias de salame. E o viúvo, o Eusébiozinho, esse, batendo o queixo, tão morosa e soturnamente *como se caminhasse para a sua própria sepultura*, lá se dirigiu ao lupanar onde tinha uma *paixão*.»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 128)

O que particularmente se salienta neste fragmento é a força das pinceladas – tão breves quanto certeiras – com que o narrador nos faz presentes alguns traços vincados (já entretanto largamente construídos) de algumas das personagens do romance (D. Diogo, o marquês e o Eusebiozinho). A comparativa condicional surge aqui a compor uma dessas pinceladas, capturando uma situação marcadamente extrema («como se caminhasse para a própria sepultura») através da qual nos é intensiva, e sarcasticamente, mostrada a figura de Eusébio, tomando o narrador como referência a frequência por parte deste de um lupanar, para onde o vemos ‘dirigir-se’, ao encontro de «uma *paixão*» que aí «tinha», com a previsibilidade e a naturalidade (Cf. «lá se dirigiu»), e ao mesmo tempo com a indolência/sonolência tristonha (Cf. «morosa e soturnamente», qualificações que precisamente *como se p* intensifica) que o seu carácter e, sobretudo, a educação de que fora alvo (um e outra já antes, ao longo de páginas, caracterizados) deixavam adivinhar.

4.2.5. Os trechos a seguir introduzidos respeitam todos à construção da figura de Afonso da Maia.

4.2.5.1. Vejamos o primeiro:

(27) – «Afonso tomou uma colher de sopa, depois rolou a sua poltrona para junto do fogão; e ali ficou envolvido pouco a pouco naquele melancólico crepúsculo de Dezembro, com os olhos no lume, escutando o sudoeste contra as vidraças, pensando em todas as coisas terríveis que assim invadiam num tropel patético a sua paz de velho. Mas no meio da sua dor, funda como era, ele percebia um ponto, um recanto do seu coração onde alguma coisa de muito doce, de muito novo, palpitava com uma frescura de renascimento, *como se algures, no seu ser, estivesse rompendo, borbulhando uma nascente rica de alegrias futuras*; e toda a sua face sorria à chama alegre, revendo a bochechinha rosada [do neto, Carlos], sob as rendas brancas da touca...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 48-9)

Nele se assinala um momento de enlevo vivido por Afonso (face ao seu neto, Carlos, que acabara de ver pela primeira vez) – momento de enlevo esse que, no meio de uma dor «funda» – produto de muitas «coisas terríveis que [...] invadiam num tropel patético a sua paz de velho» –, lhe traz um novo e inesperado alento ou um assomo de revigoramento: «Mas no meio da sua dor, funda como era, ele percebia um ponto, um recanto do seu coração onde

alguma coisa de muito doce, de muito novo, palpitava com uma frescura de renascimento». A comparativa condicional expande e intensifica esta percepção de «renascimento», de doçura, de novidade e de «frescura» integrando como comparante «uma nascente» borbulhante de vida, que Afonso sente “romper” (lexema que remete para uma ‘força’ que leva de vencida os obstáculos representados na «sua dor») «algures no seu ser» e que vê como augúrio de «alegrias futuras» – em contraste com um passado e um presente inundados de sofrimento. O efeito enfatizante obtido pela comparativa condicional muito deve à metáfora que nela se constitui, organizada em torno de «nascente», de que irradiam ou em que convergem ou que convoca ou a que se associam traços semânticos centrais de «frescura», «renascimento», «rompendo», «borbulhando» – sendo ainda todo este compósito de dimensões especificamente ampliado pela força simbólica da imagem da tenra criança (ela mesma identificada, igualmente de modo metafórico, com a referenciada «nascente rica de alegrias futuras») de que Afonso, em pensamento, revê «a bochechinha rosada». Por outro lado, é bem visível que estas metáforas – que se cruzam e reciprocamente se ampliam – tomam por base duas *metáforas conceptuais*⁶³, que do mesmo modo se cruzam e reciprocamente se robustecem, a saber, as que se deixam traduzir em «a água é (fonte de) vida» e «as crianças são promessa de vida / futuro»⁶⁴.

4.2.5.2. É, pois, apesar de tudo, marcadamente eufórico o segmento comentado. Mas na composição da figura eminentemente trágica de Afonso abundam antes as dimensões disfóricas, que são também servidas pelo recurso a comparativas condicionais – como nos dois exemplos seguintes:

- (28) – «Ega, então, lá ganhou ânimo, lá balbuciou a sua história – a que ouvira ao tio Ega – a paixão de Maria por um príncipe, a fuga, o longo silêncio de anos que se fizera sobre ela... Justamente as férias chegavam. Apenas em Santa Olávia, Carlos contou ao avô a bebedeira do Ega, os seus discursos doidos, aquela revelação vinda entre arrotos. Pobre avô! Um momento nem pôde falar – e a voz por fim veio-lhe tão débil e dolente *como se dentro do peito lhe estivesse morrendo o coração*. Mas narrou-lhe, detalhe a detalhe, o feio romance todo até àquela tarde em que Pedro lhe aparecera lívido, coberto de lama, a cair-lhe nos braços, chorando a sua dor com a fraqueza de uma criança. E o desfecho desse amor culpado, acrescentara o avô, fora a morte da mãe em Viena de Áustria, e a morte da pequenita, da neta que ele nunca vira, e que a Monforte levava... E eis aí tudo. E assim, aquela vergonha doméstica estava agora enterrada, ali, no jazigo de Santa Olávia, e em duas sepulturas distantes, em país estrangeiro...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 183)

⁶³ Ver a Nota 47 e o segmento da exposição a que respeita.

⁶⁴ Esta última *metáfora conceptual* surge também activada no exemplo (4), analisado em 3.1.3.1.

- (29) – «– Enfim – interrompeu Carlos – viu-a ainda há dias, numa carruagem, comigo e com o Ega... Que lhe parece, avô?
O velho murmurou, num grande esforço, *como se as palavras saindo lhe rasgassem o coração*:
– Essa senhora, está claro, não sabe nada...
Ega e Carlos, a um tempo, gritaram: – «Não sabe nada!». Segundo afirmava o Guimarães, a mãe escondera-lhe sempre a verdade. Ela julgava-se filha de um austríaco. Assinava-se ao princípio Calzaski...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 644)

Nestes dois excertos, a comparativa condicional participa de modo relevante na construção da intensidade dramática das situações – aplicando-se directamente sobre «a voz»/«as palavras» de Afonso: no primeiro caso (Cf. (28)), *como se p* amplia a qualificação «débil e doente»; no segundo (Cf. (29)), o segmento «murmurou, num grande esforço». Em ambos os casos, essa ampliação serve-se do recurso à referência do órgão vital – o coração – (com toda a sua carga simbólico-imagística, que é activada), visto como afectado por acentuada violência, expressa em «estivesse morrendo» (em (28)) e em «rasgassem» (em (29)). Em ambos os casos, ainda, estamos perante a caracterização intensiva de situações de ordem psicológico-afectiva através do acento que é posto em manifestações neurofisiológicas (centradas, como ficou visto, sobre aspectos do modo de elocução que reveste a produção discursiva de Afonso) de estados emocionais⁶⁵.

4.2.5.3. Passemos a um outro exemplo:

- (30) – «Defronte do Ramalhete os candeeiros ainda ardiam. [Carlos] Abriu de leve a porta. Pé ante pé, subiu as escadas ensurdecidas pelo veludo cor de cereja. No patamar tateava, procurava a vela, quando, através do reposteiro entreaberto, avistou uma claridade que se movia no fundo do quarto. Nervoso, recuou, parou no recanto. O clarão chegava, crescendo: passos lentos, pesados, pisavam surdamente o tapete: a luz surgiu – e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, spectral. Carlos não se moveu, sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, caíram sobre ele, ficaram sobre ele, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sobre o veludo espalhava um tom de sangue – e os seus passos perderam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, *como se fossem os derradeiros que devesse dar na vida!*»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 667-668)

Neste fragmento, é composto um quadro de extremo dramatismo, em que fica sobretudo desenhado o profundo e irremediável desamparo de Afonso – no que haveria de ser o seu último encontro com Carlos, regressado a casa após o

momento de incesto consciente vivido com Maria Eduarda. Esse quadro é dominado por um múltimodo dinamismo – na ordem física e na ordem emocional, que se intersectam –, emoldurado por um tenso e sufocante silêncio e pelo escuro da madrugada no interior da casa, só quebrado pela claridade de uma vela (ela própria posta em movimento e ao serviço da marcação de uma cadência lenta e de outros efeitos expressivo-comunicativos). Em primeiro lugar, é Carlos que vem à boca de cena, onde chega depois de abrir «de leve a porta», de subir «pé ante pé, as escadas ensurdecidas pelo veludo cor de cereja», para depois, divi-sando «uma claridade que se movia no fundo do quarto», «recuar» e «parar», «nervoso», no recanto do patamar – e para, então, aí ver «chegar», trazido pela luz da vela, o avô Afonso, que se aproximava em «passos lentos, pesados», que «pisavam surdamente o tapete». Depois, é ainda Carlos, agora imobilizado e «sufocado» perante o avô «em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espec-tral» – impressão amplificada pela luz da vela. Depois ainda, é o movimento dos olhos «do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror» a «caírem» sobre Carlos, a «ficarem» «sobre ele, varando-o até às profundezas da alma, lendo lá o seu segredo» – e reprovando-o surdamente. Depois, finalmente, é Afonso («sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer») a, num movimento de afastamento, «atravessar» o patamar («onde a luz sobre o veludo espalhava um tom de sangue» – outro efeito da claridade da vela) – em passos «lentos, abafados» a «perderem-se», «cada vez mais sumidos», «no interior da casa».

É neste complexo dinâmico – na ordem física e na ordem emocional, e suas intersecções, como acima escrevi – que se integra, de modo particularmente relevante, a comparativa condicional, trazendo-lhe um remate que aponta para os «derradeiros» «passos», para a suspensão definitiva de movimento, ou seja, para um fim tão trágico quanto inexorável, na esfera do moral e tam-bém do físico. De sublinhar que a referenciação dos «passos» de Afonso da Maia remete, sem dúvida, para a *metáfora conceptual* traduzida em “a vida é uma caminhada” – caminhada aqui associada, no corpo da própria compara-tiva condicional, como vimos, à figuração de uma etapa terminal (de resto, já indiciada nos qualificativos «lívido» e «espectral» atribuídos a Afonso)⁶⁶.

4.2.6. Abundantes são os casos de ocorrência de *como se p* na caracteri-zação de dimensões passionais respeitantes à relação amorosa entre Carlos e Maria Eduarda⁶⁷.

⁶⁵ Ver Fonseca, J., 2001a. Voltarei a este tópico em alguns momentos subsequentes da exposição

⁶⁶ Ver também, mais adiante, 4.2.7. Ver, de novo, a Nota 47 e o segmento da exposição a que res-peita.

⁶⁷ Ver também 5.4.

4.2.6.1. Os dois primeiros exemplos – (31) e (32) – reportam-se ao período de desencontro de Carlos e «aquela mulher que ele procurava ansiosamente», como se lê no segundo deles.

É justamente dessa procura ansiosa que, mais uma vez (pois que tal já havia tido lugar em momentos precedentes da narrativa), dá conta o excerto (31): *como se p* explicita, e simultaneamente qualifica de modo intensivo, o desassossego de Carlos, especificando o sentido e as motivações do seu insistente gesto ou atitude – «olhava a estrada, olhava as árvores». Tal gesto / atitude insistente (propriedade que a recorrência, em contiguidade imediata, de «olhava» expressivamente traduz) surge como prolongamento exterior daquele mesmo estado anímico de ansiedade e desassossego⁶⁸, que determina ainda a decisão – em contraste com a hesitação (Cf. «Carlos hesitava, parado junto da grade») do momento imediatamente anterior – referenciada logo a seguir:

- (31) – «Mas agora Cruges, impressionado, estava com desejo de subir à Pena. Alencar, por si, ia também com prazer. A Pena para ele era outro ninho de recordações. Ninho? Devia antes dizer cemitério... Carlos hesitava, parado junto da grade. Estaria ela na Pena? E olhava a estrada, olhava as árvores, *como se pudesse adivinhar pelas pegadas no pó, ou pelo mover das folhas, que direcção tinham tomado os passos que ele seguia...* Por fim teve uma ideia.
– Vamos indo primeiro à Lawrence. E depois se quisermos ir à Pena, arranjam-se lá os burros...»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 241)

O trecho (32), que se situa na sequência quase imediata do fragmento anterior, prolonga a referenciação da situação de perturbação / ansiedade (agora também matizada de irritação) de Carlos – contendo mesmo uma resenha das iniciativas (que inclui já a deslocação frustrante a Sintra, a que alude (31)) por ele tomadas em ordem ao reencontro dessa «adorável desconhecida», que com ele se cruzara uma tarde, «bela como uma deusa transviada no Aterro», para não mais por ele se deixar ver. Esta comparação intensiva proporciona a ocasião para que seja reintroduzido (pois que tal já havia sido feito em outros segmentos anteriores do texto) o objecto de discurso «uma deusa», que será também utilizado na transposição, que se faz em *como se p*, a um mundo impossível, com que fica assinalada a insuportável ausência – e

⁶⁸ É largamente recorrente esta referenciação de estados anímicos, e sua qualificação intensiva, pela via da convocação de comportamentos ou outras manifestações de que são específicos prolongamentos. Sobre o assunto, ver Fonseca, J., 2001a. Ver também 4.2.5.2. e a sequência da exposição.

também o desespero do desencontro. A comparativa condicional está ainda fortemente envolvida no desenho da superioridade e do carácter divino / «sobrenatural» que Carlos atribui a Maria Eduarda e, ao mesmo tempo, no recorte dos efeitos provindos da ‘invisibilidade’ dessa «adorável desconhecida» / «deusa» na pungente situação por ele vivida: ela «desaparecia, evaporava-se», «remontava» «ao céu», e ele «ali ficava», profundamente perturbado, «orientando surdamente» para ela – de quem tão pouco sabia – «os seus pensamentos, desejos, curiosidades, toda a sua vida interior». Aquele veio da ‘invisibilidade’ – sublinhado, como anotei, na comparativa condicional – expande-se ainda na sequência do trecho (onde são convocadas, em aproximação comparativa, «as estrelas de acaso» – que, justamente, «passam fugitivamente e se esvaem») e em particular no seu remate: ao contrário de outros, que, mesmo sem a procurarem, «viam» «essa bela desconhecida», Carlos, que porfiadamente a tenta encontrar, «não a tornara a ver», «não a via» – o que robustece a sua angústia e o seu desassossego (Cf. «Ele não a via, e não sossegava...» – expressão condensada, que fecha de modo breve e incisivo o excerto e em que os dois segmentos articulados por «e» são percorridos por uma correlação causa-efeito). Vamos ler o trecho e reconhecer, de acordo com as linhas apresentadas, o relevo que nele obtém *como se p*:

- (32) – «Porque o que o [Carlos] irritava agora era não poder encontrar, na pequenez de Lisboa, onde toda a gente se acotovela, aquela mulher que ele procurava ansiosamente! Duas semanas farejara o Aterro como um cão perdido; fizera peregrinações ridículas de teatro em teatro; numa manhã de Domingo percorrera as missas! E não a tornara a ver. Agora sabia-a em Sintra, voava a Sintra, e não a via também. Ela cruzava-o uma tarde, bela como uma deusa transviada no Aterro, deixava-lhe cair na alma por acaso um dos seus olhares negros, e desaparecia, evaporava-se, *como se tivesse realmente remontado ao céu, de ora em diante invisível e sobrenatural*: e ele ali ficava, com aquele olhar no coração, perturbando todo o seu ser, orientando surdamente os seus pensamentos, desejos, curiosidades, toda a sua vida interior, para uma adorável desconhecida, de quem ele nada sabia senão que era alta e loira, e que tinha uma cadelinha escocesa... Assim acontece com as estrelas de acaso! Elas não são de uma essência diferente, nem contêm mais luz que as outras; mas, por isso mesmo que passam fugitivamente e se esvaem, parecem despedir um fulgor mais divino, e o deslumbramento que deixam nos olhos é mais perturbador e mais longo... Ele não a tornara a ver. Outros viam-na. O Taveira vira-a. No Grémio, ouvira um alferes de lanceiros falar dela, perguntar quem era, porque a encontrava todos os dias. O alferes encontrava-a todos os dias. Ele não a via, e não sossegava...» (Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 243-244)

4.2.6.2. Algumas vezes, avulta particularmente em *como se p* a dimensão de cariz justificativo / explicativo que comporta, por força da condicionalidade-causalidade marcada em *se*; ao mesmo tempo, a comparativa condicio-

nal dá a saber, introduz objectos de discurso relevantes na caracterização de situações, nomeadamente da esfera afectiva/passional. Tal é bem visível em (33) – sendo que o silêncio a que Carlos se obriga (Cf. «Carlos permanecia mudo») é constituído em efeito/prolongamento exterior do seu estado anímico⁶⁹, habitado, como expressivamente manifesta *como se p*, pela aguda contradição em que Carlos se debate entre desejo/impulso e temor:

(33) – «Rosa e «Niniche» partiram correndo. Carlos veio ocupar, junto da janela, a costurada poltrona de repes. Mas pela primeira vez, desde a sua intimidade, houve entre eles um silêncio difícil. Depois ela queixou-se de calor, desenrolando distraidamente o bordado; e Carlos permanecia mudo, *como se para ele, nesse dia, apenas houvesse encanto, apenas houvesse significação numa certa palavra de que os seus lábios estavam cheios e que não ousavam murmurar, que quase receava que fosse adivinhada apesar de ela sufocar o seu coração.*

– Parece que nunca se acaba, esse bordado! – disse ele por fim, impaciente de a ver, tão serena, a ocupar-se das suas lãs.

Com a talagarça desdobrada sobre os joelhos, ela respondeu, sem erguer os olhos:

– E para que se há-de acabar? O grande prazer é andá-lo a fazer, pois não acha? Uma malha hoje, outra malha amanhã, torna-se assim uma companhia... Para que se há-de querer chegar logo ao fim das coisas?» (Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 405)

É, de modo imediato, basicamente do mesmo teor a primeira ocorrência de *como se p* em (34):

(34) – «– Quanto incómodo por minha causa! – disse ela [Maria Eduarda].

– Realmente! Como lhe hei-de agradecer?...

Calou-se; mas os seus belos olhos ficaram um instante pousados nos de Carlos, como esquecidos, e deixando fugir irresistivelmente um pouco do segredo que ela retinha no seu coração.

Ele murmurou:

– Por mais que eu fizesse, ficaria bem pago de tudo se me olhasse outra vez assim.

Uma onda de sangue cobriu toda a face de Maria Eduarda.

– Não diga isso...

– E que necessidade há que eu lho diga? Pois não sabe perfeitamente que a adoro, que a adoro, que a adoro!

Ela ergueu-se bruscamente, ele também: – e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, trespassando-se com os olhos, *como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo, e eles esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos...* E foi ela que falou, a custo, quase desfalecida, estendendo para ele, *como se o quisesse afastar*, as mãos inquietas e trémulas:

– Escute! Sabe bem o que eu sinto por si, mas escute... Antes que seja tarde há uma coisa que lhe quero dizer...

⁶⁹ Ver a Nota anterior.

Carlos via-a assim tremer, via-a toda pálida... E nem a escutara, nem a compreendera. Sentia apenas, num deslumbramento, que o amor comprimido até aí no seu coração irrompera por fim, triunfante, e embatendo no coração dela, através do aparente mármore do seu peito, fizera de lá ressaltar uma chama igual... Só via que ela tremia, só via que ela o amava... E, com a gravidade forte de um acto de posse, tomou-lhe lentamente as mãos, que ela lhe abandonou, submissa de repente, já sem força, e vencida. E beijava-lhas ora uma ora outra, e as palmas, e os dedos, devagar, murmurando apenas:

– Meu amor! meu amor! meu amor!»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 409)

Aqui, a comparativa condicional em referência («como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo, e eles esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos...») veicula um complexo de elementos que adquire um teor causador, justificando/explicando o que se contém no segmento (sobre que se aplica a construção) «e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, trespassando-se com os olhos» – segmento que retrata a situação que sobrevém a um momento decisivo no relacionamento entre Carlos e Maria Eduarda; ao mesmo tempo, a comparativa condicional fornece a medida, enfatizante, da intensidade das vivências afectivas / passionais por ambos experienciadas: o quadro desenhado em «como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo» propõe já essa medida, que é, entretanto, ampliada pela circunstância de esse quadro ser avançado como moldura (espácio-temporal-nocional) em que devesse dar-se, e de modo definitivo, e sem mais intervenção activa da parte de ambos (Cf. «e eles esperassem, suspensos»), «o desfecho supremo dos seus destinos» (– sendo que esta palavra «destinos» remete também para essa mesma não intervenção activa da parte de ambos, agora também vista como imperiosamente determinada)⁷⁰.

Neste mesmo trecho (34), a segunda comparativa condicional («como se o quisesse afastar») junta-se à caracterização da perturbação trazida a Maria Eduarda pela situação vivida momentos antes – perturbação cuja intensidade fica também recortada em «a custo, quase desfalecida», «as mãos inquietas e trémulas» e também em «tremar», «toda pálida» –, mas sobretudo pela imperiosa necessidade, que ela sente como nunca antes, de transmitir a Carlos, «Antes que seja tarde», algo que se adivinha de grave e decisivo. Carlos, porém, «nem a escutara, nem a compreendera» (e «só via que ela o amava») – sendo que o movimento assinalado em *como se p* se suspende, se perde para dar lugar a um outro: o de ela abandonar a Carlos as mãos, «submissa de

⁷⁰ Ver ainda, na sequência imediata desta análise, alguns comentários complementares à comparativa condicional em foco.

repente, já sem força, e vencida». Perfaz-se, deste modo, um largo movimento, na ordem física, mas sobretudo na ordem emocional/passional – que vai da tentativa, frustrada, de afastamento (aparentemente como última resistência, mas sobretudo, e na verdade, como conturbado apelo) à entrega, que, revelando-se Maria Eduarda «submissa», e, mais que isso, «já sem força, e vencida», configura antes um abandono, uma desistência – no que se consuma, afinal, a cessação da inicial e prolongada resistência. Aquele movimento, que envolve e afecta Maria Eduarda, desdobra-se, pois, também numa atitude activa vs uma atitude passiva – oposição que, partindo da comparativa condicional em foco, organiza também o trecho. Por outro lado, o movimento de entrega de Maria Eduarda correlaciona-se, intersecta-se, imediatamente com um outro – este, partindo da iniciativa decidida de Carlos (Cf. «com a gravidade forte de um acto de posse») e sendo fechado precisamente pela referida entrega. Este outro movimento recorta um segmento fortemente coeso, pois assenta numa relação de antonímia por conversão no domínio dos predicados benefactivos – aqui ‘aquisição activa de posse’ vs ‘entrega’ (que vimos já ser passiva).

Interessa sublinhar que todo o trecho é, como ficou patente, percorrido por um pronunciado dinamismo – com destaque para o que tange aos movimentos (neles se incluindo mudanças) na ordem do passional, que convocam dimensões (integradas numa específica *dinâmica de forças*) de *causação*, de *afecção* e de *resistência*, e ainda prolongamentos de índole física e comportamental⁷¹. Observo, por outro lado, que o pólo de resistência – da parte de Maria Eduarda – fica recortado desde o início do trecho, funcionando mesmo no todo da situação nele retratada como elemento catalisador, activador do específico desenvolvimento dessa mesma situação, marcadamente interactiva; os comentários antes formulados disso dão suficiente conta, e, no que se refere àquele início do trecho, os elementos que surgem sublinhados no extracto seguinte (que retomo de (34)) permitem, directa ou indirectamente, comprovar também isso mesmo⁷²:

(34') – «[Maria Eduarda] *Calou-se*; mas os seus belos olhos ficaram um instante pousados nos de Carlos, *como esquecidos, e deixando fugir irresistivelmente um pouco do segredo que ela retinha no seu coração.*

Ele murmurou:

⁷¹ Sobre estes aspectos, a que já tive a oportunidade de me referir antes, do dinamismo que afecta a configuração de movimentos afectivos / passionais, ver Fonseca, J., 2001a. Ver também a sequência da exposição.

⁷² Sobre estes e outros aspectos da gestão, muitas vezes claramente estratégica, das dimensões atinentes a este pólo de «resistência», ver, de novo, Fonseca, J., 2001a.

- Por mais que eu fizesse, ficaria bem pago de tudo se me olhasse outra vez assim.
Uma onda de sangue cobriu toda a face de Maria Eduarda.
 -- Não diga isso...
 – E que necessidade há que eu lho diga? Pois não sabe perfeitamente que a adoro,
 que a adoro, que a adoro!
Ela ergueu-se bruscamente, ele também [...]».

É à já assinalada cessação desta matizada resistência – resistência só traída (e, ao mesmo tempo, também indiciada) pelo que o narrador referencia em «mas os seus belos olhos ficaram um instante pousados nos de Carlos, *como esquecidos, e deixando fugir irresistivelmente* um pouco do segredo que ela retinha no seu coração» – que se vincula verdadeiramente a comparativa condicional (já, acima, inicialmente comentada) inscrita no segmento «e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, trespassando-se com os olhos, *como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo, e eles esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos...*»; é certo que, como acima apontei, a comparativa condicional incide directamente sobre «e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, trespassando-se com os olhos», mas, na verdade, a situação nessas palavras desenhada constitui, no contexto em que passa a vigorar, um estado de coisas a que conduz com plena naturalidade o *evento* que é a referida cessação de resistência.

4.2.6.3. O fragmento (35) reporta-se a um momento subsequente àquele em que Carlos toma conhecimento do carácter incestuoso da sua relação amorosa com Maria Eduarda:

- (35) – «Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda ténue mas já perceptível, uma saciedade, uma repugnância por ela desde que a sabia do seu sangue!... Uma repugnância material, carnal, à flor da pele, que passava como um arrepio. Fora primeiramente aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava tanto outrora, o impacientava tanto agora – que ainda na véspera se encharcara em água de Colónia para o dissipar. Fora depois aquele corpo dela, adorado sempre como um mármore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte de mais, musculoso, de grossos membros de Amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer. Nos seus cabelos de um lustre tão macio, sentia agora inesperadamente uma rudeza de juba. Os seus movimentos na cama, ainda nessa noite, o tinham assustado *como se fossem os de uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar...* Quando os seus braços o enlaçavam, o esmagavam contra os seus rijos peitos túmidos de seiva, ainda decerto lhe punham nas veias uma chama que era toda bestial. Mas, apenas o ultimo suspiro lhe morria nos lábios, aí começava insensivelmente a recuar para a borda do colchão, com um susto estranho: e imóvel, encolhido na roupa, perdido no fundo de uma infinita tristeza, esquecia-se pensando numa outra vida que podia ter, longe dali, numa casa simples,

toda aberta ao sol, com sua mulher, legitimamente sua, flor de graça doméstica, pequenina, tímida, pudica, que não soltasse aqueles gritos lascivos, e não usasse esse aroma tão quente! E desgraçadamente agora já não duvidava... Se partisse com ela, seria para bem cedo se debater no indizível horror de um nojo físico. E que lhe restaria então, morta a paixão que fora a desculpa do crime, ligado para sempre a uma mulher que o enojava – e que era... Só lhe restava matar-se!»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 666)

A parte central do excerto organiza-se em torno de um contraste entre dois momentos temporais: um «outrora», vincadamente eufórico – de fascinação, de excitação, de gozo –, e um «agora», fortemente disfórico – de «saciedade», de «repugnância» («Uma repugnância material, carnal») –, a que Carlos tinha sido conduzido pela descoberta da sua relação familiar com Maria Eduarda («desde que a sabia do seu sangue»). O veio que suporta este contraste é, claramente, referenciado à dimensão física, «carnal», da relação – e é nesse mesmo veio que se inscreve o conteúdo vazado em *como se p*, que se liga mais directamente à nova visão por parte de Carlos do corpo de Maria Eduarda, que «de repente lhe aparecera, como era na sua realidade, forte de mais, musculoso, de grossos membros de Amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer». A comparativa condicional expande esta nova percepção de Carlos, através da evocação (num trajecto rememorativo que vem do mais afastado ao mais próximo – nele se fixando) dos «movimentos na cama», «ainda nessa noite», de Maria Eduarda, que lhe trouxeram a experiência dolorosa e apavorante de um susto de morte – intensivamente recortado através da assimilação comparativa e metafórica⁷³ desses movimentos com os de «uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar».

A imagem de Maria Eduarda assim redefinida/redesenhada projecta-se ainda – prolongando-se também, dessa forma, os efeitos do que se contém em *como se p* – na sequência imediata da comparativa condicional através do contraste aí estabelecido (de novo, centrado sobre o eixo, atrás assinalado, construído sobre a dimensão física, «carnal») com a de uma outra mulher, idealizada como «flor de graça doméstica, pequenina, tímida, pudica, que não soltasse aqueles gritos lascivos», imagem em que Carlos, «perdido no fundo de uma infinita tristeza», se refugiava, procurando esquecer o seu tormento «pensando numa outra vida que podia ter, longe dali».

4.2.7. Consideremos agora um extracto da parte final de *Os Maias*, em que nos são apresentados Carlos e João da Ega em diálogo (de alto simbolismo e

⁷³ Ver, de novo, a Nota 47 e o segmento da exposição a que respeita.

de saliente significado ideológico na economia da obra), travado na rua e (no início) à vista do Ramalhete «para sempre desabitado, cobrindo-se já de tons de ruína»:

- (36) – «Uma comoção passou-lhe [a Carlos] na alma, murmurou, travando do braço do Ega:
 – É curioso! Só vivi dois anos nesta casa, e é nela que me parece estar metida a minha vida inteira!
 Ega não se admirava. Só ali no Ramalhete ele vivera realmente daquilo que dá sabor e relevo à vida – a paixão.
 – Muitas outras coisas dão valor à vida... Isso é uma velha ideia de romântico, meu Ega!
 – E que somos nós? – exclamou Ega. Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão...
 Mas Carlos queria realmente saber se, no fundo, eram mais felizes esses que se dirigiam só pela razão, não se desviando nunca dela, torturando-se para se manter na sua linha inflexível, secos, hirtos, lógicos, sem emoção até ao fim...
 – Creio que não – disse o Ega. Por fora, à vista, são desconsoladores. E por dentro, para eles mesmos, são talvez desconsolados. O que prova que neste lindo mundo ou tem de se ser insensato ou sem sabor...
 – Resumo: não vale a pena viver...
 – Depende inteiramente do estômago! – atalhou Ega.
 Riram ambos. Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava. Era o fatalismo muçulmano. Nada desejar e nada recluir... Não se abandonar a uma esperança – nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. E, nesta placidez, deixar esse pedaço de matéria organizada, que se chama o Eu, ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo... Sobretudo não ter apetites. E, mais que tudo, não ter contrariedades.
 Ega, em suma, concordava. Do que ele principalmente se convencera, nesses estreitos anos de vida, era da inutilidade do todo o esforço. Não valia a pena dar um passo para alcançar coisa alguma na terra – porque tudo se resolve, como já ensinara o sábio do «Ecclesiastes», em desilusão e poeira.
 – Se me dissessem que ali em baixo estava uma fortuna como a dos Rothschilds ou a coroa imperial de Carlos V, à minha espera, para serem minhas se eu para lá corresse, eu não apressava o passo... Não! Não saía deste passinho lento, prudente, correcto, seguro, que é o único que se deve ter na vida.
 – Nem eu! – acudiu Carlos com uma convicção decisiva.
 E ambos retardaram o passo, descendo para a rampa de Santos, *como se aquele fosse em verdade o caminho da vida, onde eles, certos de só encontrar ao fim desilusão e poeira, não devessem jamais avançar senão com lentidão e desdém.*»
 (Eça de Queirós, Os Maias, p. 714-15)

Neste fragmento, são-nos apresentados, por um lado, o reencontro de Carlos com o passado (na ordem pessoal e social) – reencontro que é atesta-

dor de uma inexorável decadência (da família dos Maias, e, num outro plano interpretativo do romance no seu todo, do país) –, e, por outro, a afirmação de uma filosofia de vida (igualmente atestadora daquela mesma decadência) preenchida por ociosidade, diletantismo e... tédio, agora definitivamente vista (Cf. «Depois Carlos [...] deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava») à luz de um invocado «fatalismo muçulmano», que Carlos proclama como o grande princípio orientador para a existência humana.

Interessa salientar que a comparativa condicional, aqui, mais do que convocar um estado de coisas virtual-potencial, dá-o a saber como subscrito e assumido; retoma-o, de resto, não apenas das intervenções de Carlos (e de Ega), como também do «fatalismo muçulmano» referenciado e ainda do «Ecclesiastes», igualmente referenciado – de onde é extraída justamente a expressão, que ocorre em *como se p*, «desilusão e poeira» (em que toda a existência humana se resolverá...). E o “retardar do passo” a que Carlos e Ega procedem «descendo para a rampa de Santos» mais não é «em verdade» do que a ilustração do declarado pessimismo existencial (Cf. a intervenção de Carlos – «Resumo: não vale a pena viver...»), que conduz ao desígnio de adotar como «o único que se deve ter na vida» um «passinho lento, prudente, correcto, seguro».

Importa ainda destacar o forte dinamismo que, no quadro de uma acentuada «lentidão» de movimentos físicos, percorre todo o excerto – e a própria comparativa condicional: aos «passos» efectivamente dados, no seu passeio lento, por Carlos e por Ega junta-se, em larga recorrência, a referenciação de outros “passos” (a entender como mudanças, na esfera experiencial/afectiva, cognitiva e comportamental) – sendo que uns e outros se integram na variada expressão que aí se encontra de uma significativa *metáfora conceptual*, de que, no fundo irradiam, a saber, a *metáfora conceptual* condensada em “a vida é uma caminhada”⁷⁴.

É bem conhecida a sequência deste ‘episódio’ final do romance: nela, ironicamente, a conduta prática de Carlos e de Ega contraria frontalmente aquela filosofia de vida – em que se inscrevem, com saliência, um “não valer” «a pena dar um passo para alcançar coisa alguma na terra», um «Sobretudo não ter apetites» e ainda, «mais que tudo», um «não ter contrariedades»; na verdade, vemo-los correr, em grande e prolongado esforço (e, ainda uma última vez, «desesperadamente»), para «apanhar o americano» que os conduziria a um

⁷⁴ Esta mesma *metáfora conceptual* surge também num outro momento do romance, a que me referi no final de 4.2.5.

jantar.. – embora sempre insistindo ao longo da corrida em pontos chave da «teoria definitiva da existência» que declaravam ter adoptado («não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma» – resumia Carlos, enquanto «Ega, ao lado, ajuntava, ofegante, atirando as pernas magras: – Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder...»).

5. Um uso particularmente expressivo de *como se p* é o que encontramos em *ser como se p* – expressão largamente estabilizada (próxima de *lexia complexa*), em que *ser* apresenta apenas alguma variação flexional em tempo. Tal complexo sintagmático realiza um segmento discursivo que se articula a um objecto de discurso construído (como evento ou situação) na contiguidade imediatamente anterior – a que se junta por coordenação, sindética ou assindética, de tipo aditivo – e que especificamente amplia ou desenvolve na base de uma associação, de uma semelhança, de uma analogia, marcadas pelo carácter virtual (não raro impossível) do mundo construído em *se p*. Por isso mesmo, tal complexo sintagmático é marcador de uma *transposição discursiva* – que traduz também uma *mudança de perspectiva enunciativa* –, que é especificamente convocada para, através dos *espaços semânticos* que cria/projecta, prolongar e matizar efeitos semântico-pragmáticos ligados ao denotado ou ao comunicado no segmento a que se articula. Daí resulta, no texto, um efeito de unidade ou de bloco de sentido, que muitas vezes também absorve elementos subsequentes. Acresce – e interessa realçá-lo também – que esse mesmo complexo sintagmático cumula, muito regularmente, os valores acabados de caracterizar com o de marcador de uma *operação de reformulação (não parafrástica)*⁷⁵, que, pela via da assimilação comparativa e, não raro, metafórica⁷⁶, traz acréscimos referenciais e comunicativo-expressivos salientes e os engloba, por uma via complementar da referida, num complexo unitário construído conjuntamente com o segmento reformulado e muitas vezes ainda com segmentos subsequentes. São, assim, claramente visíveis os efeitos de textualidade que se agregam a *ser como se p*.

5.1. Em *Os Maias*, verifica-se a ocorrência de vários destes segmentos *ser como se p*. Eles surgem quase sempre como frases curtas – sendo que esta vincada compactação sintáctico-semântica, em articulação com os aspectos atrás considerados, lhes confere uma pronunciada força comunicativo-expressiva. Por outro lado, aquela transposição discursiva/mudança de perspectiva enun-

⁷⁵ Ver Fonseca, 1992b. Ver, mais adiante, o exemplo (43), apresentado e comentado em 5.4.3.

⁷⁶ Ver, acima, 3.4.1. e 4.2.1.. Ver também a sequência da exposição.

ciativa que se dá em *ser como se p* é fortemente potenciada, representando verdadeiramente o segmento, até pelo acabado da estruturação sintáctico-semântica e pela sua compactação, a irrupção vincada de um discurso ficcional num discurso, ele mesmo, globalmente ficcional. Por outro lado ainda, os conteúdos vazados nesse mesmo complexo sintagmático servem regularmente à intensificação de vivências emocionais / afectivas / passionais – intensificação que é (também) obtida pelas vias (metafóricas e não metafóricas) já oportunamente apresentadas acima para *como se p*⁷⁷.

5.2. Nos números seguintes, tratarei alguns dos vários casos – sem deixar, de momento, de observar que algumas vezes, como nos dois fragmentos que se seguem, *ser como se p* se articula directamente a uma circunstância temporal, que abre um intervalo de tempo em que são inscritos os elementos carregados pela construção⁷⁸:

(37) – «Assim ela [Maria Eduarda] achava natural que ele continuasse nos Olivais as suas visitas de Lisboa! E pareceu-lhe logo impossível renunciar ao encanto desta intimidade, tão largamente oferecida, e decerto mais doce na solidão de aldeia. *Quando acabou a sua chávena de chá – era como se a casa, os móveis, as árvores fossem já seus, fossem já dela.* E teve ali um momento delicioso, descrevendo-lhe a quietação da quinta, a entrada por uma rua de acácias, e a beleza da sala de jantar com duas janelas abrindo sobre o rio...» (Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 408).

(38) – «Maria Eduarda caíra pouco a pouco sobre a cadeira; e, sem retirar as mãos, erguendo para ele os olhos cheios de paixão, enevoados de lágrimas, balbuciou ainda, debilmente, numa derradeira suplicação:
– Há uma coisa que eu lhe queria dizer!...
Carlos estava já ajoelhado aos seus pés.
– Eu sei o que é! exclamou, ardentemente, junto do rosto dela, sem a deixar falar mais, certo de que adivinhara o seu pensamento. Escusa de dizer, sei perfeitamente. É o que eu tenho pensado tantas vezes! É que um amor como o nosso não pode viver nas condições em que vivem outros amores vulgares... É que *desde que eu lhe digo que a amo, é como se lhe pedisse para ser minha esposa diante de Deus...*»
(Eça de Queirós, *Os Maias*, 409-10).

⁷⁷ Ver a Nota anterior.

⁷⁸ Aproveito para anotar que nos exemplos integrantes do CRPC (Ver, acima, 2. e a Nota 14) tal é bastante corrente. Transcrevo apenas dois casos, entre vários – sublinhando, como fiz em (37) e (38), não apenas *ser como se p*, mas também o segmento de índole temporal:

(i) – «Caem pingas de suor da testa do cirurgião como se fosse chuva. *Mas quando termina, é como se a sua solidão ficasse preenchida por uma presença divina.*» (CRPC)

(ii) – «– Vens ou não vens? ! – perguntava ele, evocando com dorido esforço a imagem da mulher ou da filha. Não vinha; e *quando aparecia, era como se fosse um relâmpago: apagava-se logo.*» (CRPC)

5.3. Considerarei, de imediato, dois dos casos anunciados em 5.2.

5.3.1. Seja, então, como primeiro exemplo o trecho seguinte:

(39) – «Então pelos bancos apinhados correu um sussurro de enlevo. *Era como se os estuques do tecto se abrissem, os anjos cantassem no alto.* Um estremecimento devoto e poético arrepiava as cuias das senhoras.

E Rufino findava, com uma altiva certeza na alma! Sim, meus senhores! Desde esse momento, a dúvida fora nele como a névoa que o sol, este radiante sol português, desfaz nos ares... E agora, apesar de todas as ironias da ciência, apesar dos escárnios orgulhosos de um Benan, de um Littré e de um Spencer, ele, que recebera a confiança divina, podia ali, com a mão sobre o coração, afirmar a todos bem alto – havia um Céu!

– Apoiado! – mugiu na coxia o padre sebento.

E por todo o salão, no aperto e no calor do gás, os cavalheiros das Secretarias, da Arcada, da Casa Havanesa, berrando, batendo as mãos, afirmaram soberbamente o Céu!»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, 590-1)

Em (39), o narrador dá conta da adesão emocionada obtida junto da generalidade (mas não do todo...) do seu auditório por Rufino numa empolgada intervenção, que é retratada, com fina e destrutiva ironia, nos parágrafos anteriores. Mais exactamente, o trecho articula-se imediatamente a um momento alto dessa intervenção, em que o orador evoca uma experienciação singular: havia visto um anjo (o «Anjo da Esmola»...), vindo, segundo ele lhe assegurara, do «espaço divino», «de além». A esta revelação, e no quadro em que foi feita ou mesmo proclamada, não podia senão seguir-se o que o narrador regista nas duas primeiras linhas do excerto – e aí *ser como se p* abre um espaço preenchido por um mundo impossível e fantasmagórico, que, em sintonia com o eixo eufórico e místico/«devoto», que prolonga, da tirada de Rufino, é convocado para o encarecimento dos efeitos emocionais registados. A construção surge mesmo como pólo aglutinador da expressão desses efeitos, articulando ou integrando o que é recortado nas duas outras frases igualmente curtas, entre as quais ocorre, a saber: o «sussurro de enlevo» que «correu» «pelos bancos apinhados» e o «estremecimento devoto e poético» que «arrepiava as cuias das senhoras».

5.3.2. Vejamos agora o fragmento (40):

(40) – «Uma campainha retiniu. D. José Sequeira, escarlata da azáfama, veio, furando, anunciar a Sua Excelência o fim do intervalo – oferecer o braço à senhora condessa. Ao passar, ela lembrou a Carlos as suas «terças-feiras», com a delicada simplicidade de um dever. Ele curvou-se em silêncio. *Era como se todo o passado, o sofá que rolava, a casa da titi em Santa Isabel, as tipóias em que ela deixava o seu cheiro de*

verbena – fossem coisas lidas por ambos num livro e por ambos esquecidas. Atrás, o marido seguia, erguendo alto a cabeça e as lunetas, como representante do Poder naquela festa da Inteligência.

– Pois senhores – disse o Ega afastando-se com Carlos – a mulherzinha tem topete!

– Que diabo queres tu? Atravessou a sua hora de tolice e de paixão, e agora continua tranquilamente na rotina da vida.

– E na rotina da vida – concluiu Ega – encontra-se a cada passo contigo, que a viste em camisa!... Bonito mundo!»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 604)

Neste trecho, *ser como se p* compendia uma serena desvalorização, tanto por parte de Carlos como da condessa de Gouvarinho, da secreta e fugaz relação passional por eles vivida num passado não distante – sugestivamente con-vocado, na óptica de Carlos, através da evocação distanciada de «o sofá que rolava, a casa da titi em Santa Isabel, as tipóias» em que a condessa «deixava o seu cheiro de verbena», e agora reduzido, por assimilação comparativa, a um compósito de «coisas lidas por ambos num livro e por ambos esquecidas». Tal assimilação comparativa traduz também que aquela desvalorização de «todo o passado» integra (nela ganhando saliente relevo) o reconhecimento, igualmente sereno, da irrelevância no presente dessa relação passional – irrelevância também por ambos aceite sem constrangimento, sem desconforto, e naturalmente harmonizável com manifestações elegantes de convivialidade civilizada (Cf. «Ao passar, ela lembrou a Carlos as suas «terças-feiras», com a delicada simplicidade de um dever. Ele curvou-se em silêncio.»), num retorno apaziguado, tranquilo (passada a «hora de tolice e de paixão», reportada por Carlos, unilateralmente, à condessa), à «rotina da vida» (o que Ega não se coíbe de comentar com argúcia e ironia).

5.4. Os três exemplos propostos a seguir referem-se todos à relação amorosa – tão apaixonada quanto trágica – entre Carlos e Maria Eduarda.

5.4.1. Eis o primeiro desses exemplos:

(41) – «Foram seguindo [Carlos e o marquês] pelo meio da rua, em direcção ao Ferregial. Adiante do Grémio, encostado ao passeio, estava um *coupé* da Companhia, com um trintanário de luvas brancas esperando junto ao portal. Carlos olhou, casualmente; e viu, debruçado à portinhola, um rosto de criança, de uma brancura adorável, sorrindo-lhe, com um belo sorriso que lhe punha duas covinhas na face. Reconheceu-a logo. Era Rosa, era Rosicler: e ela não se contentou em sorrir, com o seu doce olhar azul fugindo todo para ele – deitou a mãozinha de fora, atirou-lhe um grande adeus. No fundo do *coupé*, forrado de negro, destacava um perfil claro de estátua, um tom ondeado de cabelo louro. Carlos tirou profundamente o chapéu, tão perturbado, que os seus passos hesitaram. «Ela» abaixou a cabeça, de leve; alguma coisa de luminoso,

um confuso rubor de emoção, espalhou-se-lhe no rosto. E fugitivamente *foi como se, da mãe e da filha, ao mesmo tempo, viesse para ele uma suave e quente emanção de simpatia.*

– Caramba, aquilo pertence-lhe? – perguntou o marquês, que notara a impressão de Madame Gomes.

Carlos corou.

– Não, é uma senhora brasileira a quem eu curei aquela pequerrucha...

– Irra! que gratidão! – rosou o outro de dentro das dobras do seu *cache-nez.*»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 305-306)

Neste trecho, *ser como se p* explicita e desenvolve ou expande o que os segmentos imediatamente precedentes sugerem ou deixam adivinhar. Daí o relevo que no fragmento advém àquele complexo sintagmático, que foca um promissor momento de um relacionamento que há-de ser tematizado como nuclear no desenvolvimento da narrativa. Esse mesmo complexo condensa de modo particularmente sugestivo o movimento emotivo/afectivo – visto como «uma suave e quente emanção de simpatia» – que Carlos lhe vê chegar, ‘vindo’ «da mãe e da filha, ao mesmo tempo»: da parte da «filha», explicitamente; da parte da «mãe», sugerido pelo que Carlos divisou – e que não escapou ao «marquês», que o acompanhava e que «notara a impressão de Madame Gomes» (Cf. «“Ela”» – à vista de Carlos e do seu cumprimento respeitoso – «abaixou a cabeça, de leve; alguma coisa de luminoso, um confuso rubor de emoção, espalhou-se-lhe no rosto»). De notar o dinamismo que percorre a expressão desse movimento emotivo/afectivo: na verdade, a experiência em referência é vista (numa perspectiva de ordem eminentemente *locativa*) como algo que «emana» de um “lugar”/“fonte” («filha» e «mãe») e se dirige/‘vem’ para um “alvo”/“destinatário” (Carlos), que o acolhe e em que surte efeitos – manifestados em prolongamentos quer emocionais quer físicos quer comportamentais (Cf. «Carlos tirou profundamente o chapéu, tão perturbado, que os seus passos hesitaram.»). Algo de similar, e simétrico, se passa do lado de Madame Gomes (Maria Eduarda) – ela também capturada como “lugar” de uma experiência emotiva/afectiva, que lhe advém de Carlos e que se revela também em manifestações comportamentais e em prolongamentos neurofisiológicos⁷⁹ (Cf., de novo, «“Ela” abaixou a cabeça, de leve; alguma coisa de luminoso, um confuso rubor de emoção, espalhou-se-lhe no rosto.»).

⁷⁹ Sobre estes aspectos do dinamismo que afecta a configuração de movimentos afectivos/passionais, e também sobre a perspectivização / conceptualização de índole *locativa* dos predicados de sentimento, ver Fonseca, J., 2001a . Ver também o número e a Nota seguintes (e também a Nota 71 e o segmento a que respeita).

5.4.2. No segundo desses três exemplos, que apresento no excerto (42), *ser como se p* traz-nos, de forma tão concentrada quanto sugestiva e aberta, os movimentos afectivos que animam Maria Eduarda, uma vez «calmadas já todas as incertezas» que antes a atormentavam e decidida a não mais abafar ou cercear «aquela paixão tão pronta a apoderar-se de todo o seu ser». O segmento «como se obedecesse só ao impulso da sua ternura» remete para uma força (activada, por sua vez, por uma outra, dominante: «aquela paixão», «tão pronta a apoderar-se de todo o seu ser») a que Maria Eduarda se submete (Cf. «obedecesse»), levando de vencida resistências que se lhe opunham – e que não deixam, de novo, instantes depois, de se afirmarem (Cf. «Mas hesitou de novo...»), antes de definitivamente debeladas. Como também os comentários deixam perceber, todo o trecho assenta a sua unidade na convocação – em que *ser como se p* também participa – de uma conceptualização dos sentimentos como complexo marcado por uma particular *dinâmica de forças*, que engloba *causação, afectação e resistência*⁸⁰. Vamos ler o trecho⁸¹:

- (42) – «O Domingos saiu, a porta ficou cerrada. Ela [Maria Eduarda] então atravessou a sala, veio para Carlos, que a esperava no sofá, com os braços estendidos. *E era como se obedecesse só ao impulso da sua ternura, calmadas já todas as incertezas*. Mas hesitou de novo diante daquela paixão, tão pronta a apoderar-se de todo o seu ser, e murmurou, quase triste:
 – Mas conhece-me tão pouco!... Conhece-me tão pouco, para irmos assim ambos, quebrando por tudo, criar um destino que é irreparável...
 Carlos tomou-lhe as mãos, fazendo-a sentar ao seu lado, brandamente:
 – O bastante para a adorar acima de tudo, e sem querer mais nada na vida!
 Um instante Maria Eduarda ficou pensativa, como recolhida no fundo do seu coração, escutando-lhe as derradeiras agitações. Depois soltou um longo suspiro.
 – Pois seja assim! Seja assim... Havia uma coisa que eu lhe queria dizer, mas não importa... É melhor assim!...»
 (Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 411)

5.4.3. O último exemplo a analisar é constituído por um fragmento retirado da parte final de *Os Maias*, que nos remete para largos anos depois de consumada a separação (vinculada à tomada de conhecimento da tragédia do incesto) entre Carlos e Maria Eduarda:

⁸⁰ Sobre estas dimensões (já atrás, e por mais de uma vez, invocadas) da configuração semântico-pragmática dos lexemas da área da expressão linguística dos sentimentos, ver Fonseca, J., 2001a – estudo em que também é apontada a raiz metafórica que há que reconhecer nesse agregado de dimensões. Ver também o número e a Nota anteriores.

⁸¹ O trecho situa-se na sequência quase imediata do que foi analisado em 4.2.6. (Cf. o exemplo (34)).

(43) – «Jam [Carlos e Ega] subindo a escadinha de ferro torneada que levava do jardim aos quartos de Carlos. Com a mão na porta da vidraça, Ega parou ainda, numa derradeira curiosidade:

– E que efeito te fez isso [saber da situação de Maria Eduarda=Madame de Trelain]? Carlos acendia o charuto. Depois, atirando o fósforo por cima da varandinha de ferro, onde uma trepadeira se enlaçava:

– Um efeito de conclusão, de absoluto remate. *É como se ela morresse, morrendo com ela todo o passado, e agora renascesse sob outra forma.* Já não é Maria Eduarda. É Madame de Trelain, uma senhora francesa. Sob este nome, tudo o que houve fica sumido, enterrado a mil braças, findo para sempre, sem mesmo deixar memória... Foi o efeito que me fez.»

(Eça de Queirós, *Os Maias*, p. 712)

À «derradeira curiosidade de Ega», Carlos responde de modo directo e condensado num primeiro segmento, curto: «Um efeito de conclusão, de absoluto remate.». O complexo sintagmático *ser como se p* surge, então, de imediato, para explicitar – mediante uma *operação de reformulação não parafrástica* – ⁸² o pleno sentido desse segmento, com recurso a duas situações extremas: morte e ‘renascimento’ «sobre outra forma» – projectadas com a força comunicativa-expressiva advinda da transposição a um mundo contra-factual, radicalmente impossível. Ambas estas situações são ainda objecto de maior explicitação – dada em frases breves, definitivas, servidas pela oposição temporal-aspectual entre «Já não é...» vs «É...». A transmutação assinalada tem a virtude, agora projectada no mundo ‘real’, consubstanciada na circunstância de que «tudo o que houve fica sumido, enterrado a mil braças, findo para sempre, sem mesmo deixar memória».

O denotado em *ser como se p* revela-se, assim, na verdade, como centro, de acentuada relevância e expressividade, de uma justificação/explicação definitiva (como a morte, elemento que em *ser como se p* apresenta uma recorrência, em contiguidade, aplicada a Maria Eduarda e, nela e com ela, a «todo o passado» – mas uma morte que não deixa memória do vivido, pois que dá lugar a um ‘renascimento’ «sobre outra forma») para aquele «efeito de conclusão, de absoluto remate» experienciado por Carlos – sendo ainda bem visível o recorte de um complexo unitário, de resto, bem vincado mesmo no remate do trecho, através do segmento, de pronunciado carácter sumativo, «Foi o efeito que me fez.». Esse efeito de complexo unitário surge, de resto, reforçado não apenas porque aquele segmento «Foi o efeito que me fez.» retoma, de modo simétrico, o «que efeito te fez isso?» avançado na pergunta de Ega, mas também porque ele fecha, e, como referi, de modo suma-

⁸² Ver a Nota 74 e o segmento da exposição a que respeita.

tivo, o *par adjacente* pergunta-resposta, que especificamente organiza todo o trecho.

6. As análises desenvolvidas ao longo deste estudo evidenciam a pertinência e a produtividade da perspectiva adoptada na exploração de microestruturas enquanto componentes de base da construção do texto e do seu sentido. As microestruturas alvo da descrição apresentada – as comparativas condicionais concretizadas no formato *como se p*, actualizadas em diferentes esquemas construcionais, e o complexo sintagmático *ser como se p* (em que se inscrevem comparativas condicionais) – revelam propriedades centrais que relevam directamente do subsistema frásico/sintáctico-semântico da língua, mas incorporam também, de modo largamente estabilizado, traços semântico-pragmáticos e modos de funcionamento que estão vinculados à sua inscrição, e à sua intervenção, na construção textual/discursiva. Estas últimas dimensões (porque, como escrevi, largamente estabilizadas) são parte integrante da definição *em competência* das construções em foco – sabido que é que o texto/discurso é o lugar em que se dá a plena configuração das entidades linguísticas. Por outro lado, tais construções afirmam-se como uma instância saliente da manifestação do textual (tomado ao nível, genericamente, macroestrutural) no frásico e no intrafrásico – sendo que tal estatuto ou condição ainda se alarga, se matiza e até se aprofunda, por obra da rede de interacções, interdependências e co-determinações que, no texto, se constitui.

Referências bibliográficas

- BAKHTINE, M. (1984) – *Esthétique de la création verbale*, Paris.
- FONSECA, J. (1992) – *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa.
- FONSECA, J. (1992a) – «Coerência e coesão nas unidades linguísticas», in Fonseca, J., 1992, pp. 7-103.
- FONSECA, J. (1992b) – «As articulações discurso-metadiscorso e a sua exploração na didáctica do português como língua estrangeira», in Fonseca, J., 1992, pp. 293-313.
- FONSECA, J. (1993, 2000) – *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto (Coleção Linguística/Porto Editora, nº 1).
- FONSECA, J. (1993a) – «Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas», in Fonseca, J., 1993, pp. 63-101.
- FONSECA, J. (1993b) – «Coerência do Texto», in Fonseca, J., 1993, 181-193.
- FONSECA, J. (1994) – *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto (Coleção Linguística/Porto Editora, nº 5).
- FONSECA, J. (1994a) – «Heterogeneidade na língua e no discurso», in Fonseca, J., 1994, pp. 49-94.
- FONSECA, J. (1994b) – «Dimensão accional da linguagem e construção do discurso», in Fonseca, J., 1994, pp. 105-131.

- FONSECA, J. (2001) – *Língua e Discurso*, Porto (Colecção Linguística/Porto Editora, nº 14).
- FONSECA, J. (2001a) – «Aspectos centrais da semântica-sintaxe e pragmática dos predicados de sentimento», in Fonseca, J., 2001.
- FONSECA, J. (2003) – *O funcionamento discursivo das comparativas condicionais independentes*, «Diacrítica», Universidade do Minho, Braga.
- POTTIER, B. (2000) – *Représentations mentales et catégorisations linguistiques*, Paris.
- VILELA, M. (2002) – *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra.
- WUNDERLICH, D. (1979) – *Foundations of Linguistics*, Cambridge.

